

KATY ROSE POOL

A ERA  
DA  
ESCURIDÃO

Tradução  
Natalie Gerhardt



23 Jude  
24 Ephyra  
25 Anton  
26 Jude  
27 Hassan  
28 Beru  
29 Anton  
30 Jude  
31 Beru  
32 Jude  
33 Anton  
34 Hassan  
35 Ephyra  
36 Jude  
37 Anton  
38 Hassan  
39 Ephyra  
40 Jude  
41 Anton  
42 Ephyra  
43 Hassan

### PARTE III – A TORRE

44 Beru  
45 Jude  
46 Hassan  
47 Beru  
48 Hassan  
49 Anton  
50 Ephyra  
51 Hassan

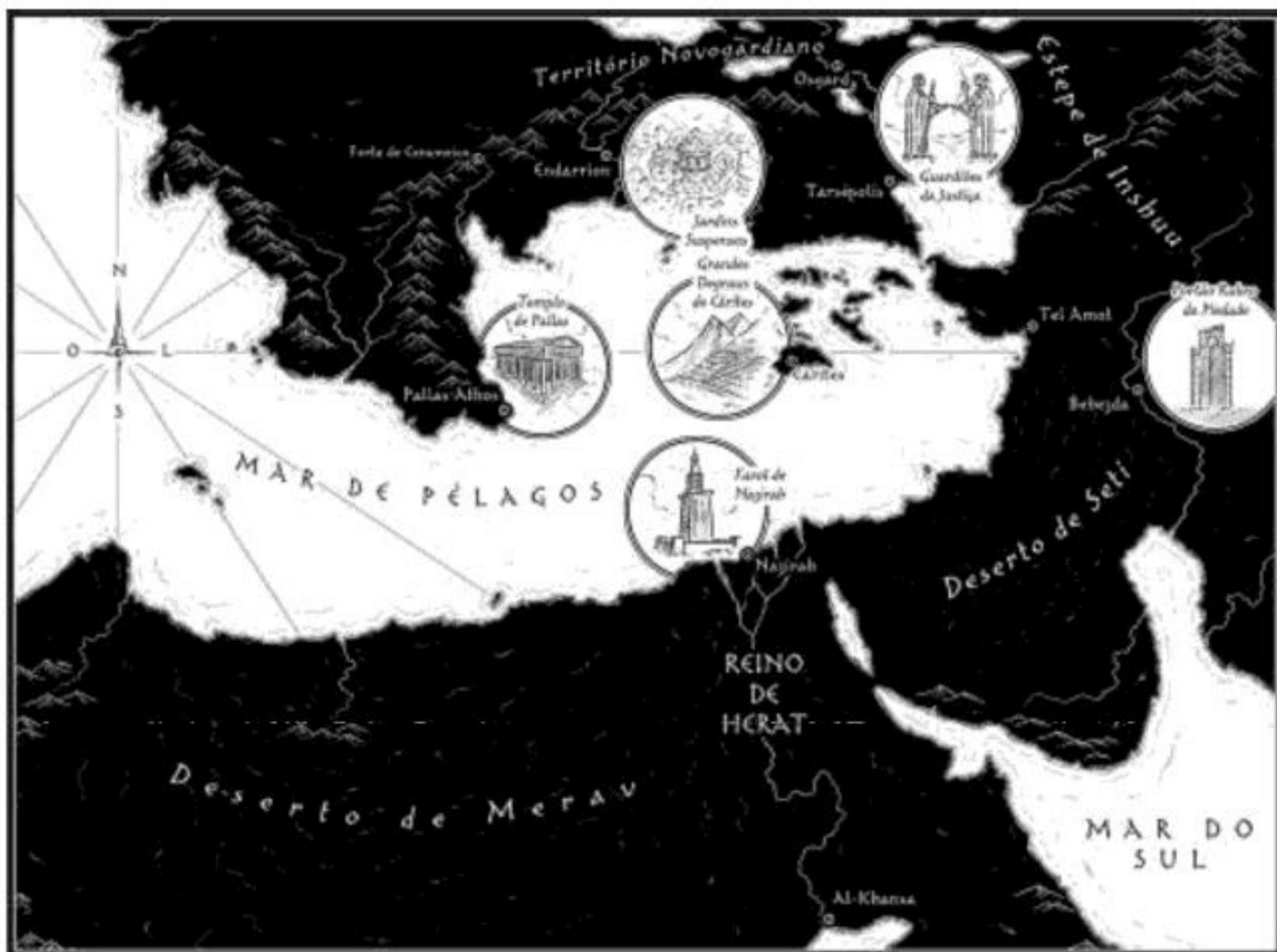
52 Anton  
53 Jude  
54 Hassan  
55 Anton  
56 Jude  
57 Jude  
58 Hassan  
59 Anton  
60 Hassan  
61 Ephyra  
62 Jude  
63 Hassan  
64 Anton  
65 Jude  
66 Anton  
67 Beru  
68 Hassan  
69 Ephyra  
70 Anton

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

*Para Erica. É claro.*



# AS QUATRO GRAÇAS DO CORPO

## **A GRAÇA DO CORAÇÃO**

*Aumenta a força, a agilidade, a velocidade e os sentidos.*

*Empunhada por: lutadores de elite.*

## **A GRAÇA DO SANGUE**

*Doa e extrai energia para curar ou ferir.*

*Empunhada por: curandeiros.*

## **A GRAÇA DA MENTE**

*Cria objetos imbuídos de propriedades únicas.*

*Empunhada por: alquimistas e artífices.*

## **A GRAÇA DA VISÃO**

*Sente e localiza seres vivos.*

*Empunhada por: cristalomantes.*

# PARTE I ARAUTO

# 1

## EPHYRA

No aposento iluminado pelo luar com vista para a Cidade da Fé, um sacerdote ajoelhou-se perante Ephyra e implorou pela própria vida.

— Por favor — disse ele. — Eu não mereço morrer. Por favor. Nunca mais tocarei nelas, eu juro. Tenha piedade.

Ao redor dele, a opulenta suíte privativa na taverna Jardim de Tálassa emanava desordem. Vestígios de um banquete suntuoso estavam esparramados em bandejas reviradas e jarros ornamentados em filigrana. O piso de mármore branco era uma bagunça de frutas silvestres maduras e várias garrafinhas lapidadas como joias. Uma poça de vinho tinto, cor de sangue, escorria em direção ao sacerdote ajoelhado.

Ephyra se agachou, colocando a palma de sua mão na pele fina do rosto dele.

— Ah, obrigado! — exclamou o sacerdote, lágrimas escorrendo de seus olhos. — Eu agradeço, abençoada...

— Eu me pergunto — Ephyra interrompeu — se suas vítimas já clamaram pela sua piedade? Enquanto você deixava sua marca em seus corpos, será que alguma vez elas rogaram em nome de Behezda?

Ele ofegou.

— Elas não imploraram, não é mesmo? Você as manipulou com sua poção monstruosa, tornando-as dóceis para que pudesse machucá-las e feri-las sem nunca precisar testemunhar a dor delas

— Ephyra continuou. — Mas quero que saiba que cada marca que você deixou nelas ficou marcada em você também.

— *Por favor.*

Uma brisa soprou pela porta aberta da varanda atrás de Ephyra quando ela puxou o queixo do sacerdote em sua direção.

— Você foi marcado para morrer. E a morte veio cobrar a dívida.

O olhar aterrorizado do sacerdote pousou em Ephyra conforme ela escorregava a mão por seu pescoço, até encontrar o batimento rápido do coração. Ela se concentrou no sangue pulsando sob a pele e extraiu todo o *esha* de seu corpo.

A luz dos olhos do sacerdote se apagou à medida que seus pulmões soltavam o último suspiro. Ele desmoronou no chão. Um rastro de mão, pálido como a lua, brilhava contra a pele clara do pescoço do sacerdote. Morto, e com apenas uma marca visível.

Tirando a adaga de seu cinto, Ephyra se inclinou sobre o corpo. O sacerdote não estava sozinho quando ela o encontrou. As duas garotas que estavam com ele — com olhos fundos e pulsos machucados com manchas roxo-esverdeadas — fugiram no instante em que ela mandou que corresse, como se não tivessem outra escolha senão obedecer.

Ephyra deslizou a ponta de sua lâmina pelo pescoço do sacerdote, fazendo um corte vermelho no meio da marca clara da mão. Conforme o sangue escuro brotava, ela virou a adaga e abriu o compartimento em seu cabo para retirar o frasco de dentro. Ela o segurou sob o fluxo de sangue do sacerdote. As palavras desesperadas dele não passavam de mentiras — ele *mereceu* morrer. Mas não foi por isso que ela lhe tirou a vida.

Ela lhe tirou a vida porque era necessário.

A porta se abriu com um estrondo, distraindo Ephyra de sua tarefa. O frasco escorregou de sua mão. Ela se contorceu, mas conseguiu pegá-lo.

— Não se mexa!

Três homens entraram na suíte, um deles segurando uma besta e os outros dois, sabres. Sentinelas. Ephyra não se surpreendeu. Tálassa ficava bem nos limites da praça Elea, logo depois dos portões da Cidade Alta. Ela sabia que as Sentinelas faziam patrulhas a pé pela praça todas as noites. Mas os homens chegaram mais rápido do que esperara.

A primeira Sentinela que passou pela porta parou de repente, olhando para o corpo sem vida do sacerdote.

— Ele está morto! — exclamou, surpreso.

Ephyra fechou o frasco de sangue e o escondeu de volta no cabo da adaga. Ela se levantou, tocando a seda preta que cobria seu rosto e se certificando de que estava no lugar.

— Renda-se calmamente — avisou a primeira Sentinela. — E você não se machucará.

Ephyra sentia seu pulso martelar na garganta, mas manteve a voz calma. Destemida.

— Mais um passo e vou deixar mais de um corpo neste quarto.

A Sentinela hesitou.

— Ela está blefando.

— Não, não está — retrucou o homem que empunhava a besta, com nervosismo. Ele olhou para o corpo do sacerdote. — Veja a marca da mão. Exatamente como nos corpos encontrados em Tarsépolis.

— A Mão Pálida — sussurrou a terceira Sentinela, paralisada, olhando para Ephyra.

— Essas histórias são apenas boatos — a primeira Sentinela respondeu, mas sua voz tremia ligeiramente. — Ninguém é tão poderoso a ponto de conseguir matar apenas com a Graça do Sangue.

— O que você está fazendo em Pallas Athos? — a terceira Sentinela perguntou a Ephyra. Ele estava de pé, seu peito estufado e pés separados, como se estivesse encarando um monstro. — Por que veio para cá?

— Vocês chamam este lugar de Cidade da Fé — respondeu Ephyra. — Mas a corrupção e o mal se proliferaram por trás destas paredes brancas. Vou marcá-las do mesmo jeito que marco as minhas vítimas, para que o resto do mundo veja que a Cidade da Fé é a cidade dos decaídos.

Aquilo era mentira. Ephyra não viera para a Cidade da Fé para marcá-la com sangue. Mas apenas duas outras pessoas no mundo sabiam o verdadeiro motivo, e uma delas a esperava.

Ela avançou em direção à janela. As Sentinelas ficaram alertas, mas não tentaram segui-la.

— Você não vai se livrar da morte de um sacerdote tão facilmente — avisou a primeira. — Quando contarmos ao Conclave o que você fez...

— Contem para eles. — Ela cobriu sua cabeça com o capuz preto. — Digam que a Mão Pálida veio atrás do sacerdote de Pallas. E digam que rezem para eu não voltar para pegar o próximo.

Ela se virou para a varanda, abrindo as cortinas de cetim para a noite e para a lua, que parecia uma foice no céu.

As Sentinelas gritaram, suas vozes confusas enquanto Ephyra saltava pela beirada da varanda e escalava o balaústre de mármore. O mundo girou — quatro andares abaixo os degraus da entrada do Jardim de Tálassa brilhavam como dentes de marfim ao luar. Ela agarrou a borda do balaústre e se virou. À esquerda, o telhado dos banhos públicos descia diante dela.

Ephyra saltou, jogando-se em cima da cobertura. Fechando os olhos com força, ela dobrou os joelhos e se preparou para o impacto. Atingiu o telhado, fazendo um rolamento, e esperou a

velocidade diminuir antes de se levantar e atravessá-lo correndo, a voz das Sentinelas e as luzes da taverna Jardim de Tálassa desaparecendo na noite.

Ephyra atravessou o mausoléu como uma sombra. O santuário estava tranquilo e silencioso na penumbra da madrugada enquanto ela passava pelo mármore quebrado e outros escombros em volta da piscina ladrilhada de cristalomania no centro, a única parte do santuário ainda intocada. Acima dela, o teto destruído mostrava parcialmente o céu.

As ruínas do mausoléu ficavam logo depois dos portões da Cidade Alta, perto o suficiente para Ephyra conseguir se esgueirar facilmente de volta para a Cidade Baixa sem chamar atenção. Ela não sabia exatamente quando o mausoléu havia sido queimado, mas estava completamente abandonado, tornando-o o esconderijo perfeito. Ela deslizou pelo santuário destruído pelo fogo e entrou da cripta. A escada rangeu e gemeu quando Ephyra desceu e abriu a porta de madeira podre que levava para a alcova, seu lar nas últimas semanas. Tirando a máscara e o capuz, ela entrou.

A alcova costumava servir de despensa para os acólitos que cuidavam do santuário. Agora estava abandonada, à mercê de ratos, putrefação e de pessoas como ela, que não se importavam com nada disso.

— Você está atrasada.

Ephyra espiou pelo aposento escuro em direção à cama que ficava no canto, coberta por um tecido esfarrapado. Os olhos escuros de sua irmã a espiaram de volta.

— Eu sei — Ephyra respondeu, dobrando a máscara e o capuz e os pendurando no encosto da cadeira.

Um livro escorregou do peito de Beru quando ela se sentou na cama, as páginas se agitando conforme o livro batia no lençol. Seu cabelo curto e enrolado estava penteado para o lado.

— Deu tudo certo?

— Deu. — Não fazia sentido contar a ela como escapara por um triz. Estava feito. Ela forçou um sorriso. — Vamos lá, Beru, você sabe muito bem que os dias de cair de telhados acabaram. Estou bem melhor agora.

Assim que Ephyra assumira a máscara da Mão Pálida, ela não era tão boa em se esgueirar e escalar por aí como agora. Ter a Graça do Sangue não a ajudou a entrar em covis do crime ou escalar as varandas de ricos comerciantes. Precisara adquirir tais habilidades do modo tradicional, passando incontáveis noites treinando equilíbrio, tempo de reação e força, assim como aprender a obter informações necessárias sobre alvos específicos. Beru se juntava à irmã, quando estava bem o suficiente, apostando corrida com Ephyra para ver quem conseguia escalar uma cerca mais rápido ou saltar de um telhado para o outro fazendo menos barulho. Elas passaram muitas noites roubando, perseguindo alvos potenciais para descobrir seus vícios e hábitos. Depois de anos de treinamento e fugas por um triz, Ephyra sabia como entrar e sair das situações perigosas em que se metia sendo Mão Pálida.

Beru retribuiu com um sorriso fraco.

O sorriso de Ephyra se apagou ao ver o sofrimento nos olhos da irmã.

— Vamos lá — disse ela, suavemente.

Beru afastou o cobertor grosso do corpo. Embaixo dele, ela tremia, sua pele morena em um tom acinzentado sob a luz fraca. Rugas de cansaço marcavam a região abaixo de seus olhos vermelhos.

Ephyra franziu as sobrancelhas, virando-se para o caixote de madeira ao lado da cama de Beru, onde havia uma tigela rasa. Ela abriu o compartimento no punho da adaga e derramou o conteúdo do frasco ali.

— Deixamos passar tempo demais.

— Está tudo bem — Beru sibilou entredentes. — Eu estou bem. — Ela desenrolou a faixa de algodão de seu pulso direito, revelando a mão escura que marcava sua pele.

Ephyra pressionou sua mão na tigela, untando-a com o sangue fresco. Colocando a palma de sua mão ensanguentada sobre a marca escura na pele da irmã, ela fechou os olhos e se concentrou no sangue, guiando o *esha* que tirou do sacerdote e conduzindo-o para Beru.

O sangue que Ephyra tirava de suas vítimas agia como um condutor para o *esha* que extraía deles. Se fosse uma curandeira com treinamento adequado, saberia os padrões corretos de ligação que prenderiam o *esha* das vítimas a Beru, e não precisaria usar a ligação do sangue.

Mas, por outro lado, se tivesse sido treinada de forma adequada, não sairia por aí matando. Curandeiros com a Graça do Sangue faziam um juramento que os proibia de tirar o *esha* de outra pessoa.

Mas essa era a única maneira de manter sua irmã viva.

— Prontinho — disse Ephyra, pressionando um dedo na pele de Beru, que estava começando a perder aquele preocupante tom cinzento. — Bem melhor.

*Por enquanto.* Beru não falou, mas Ephyra viu as palavras nos olhos da irmã. Beru esticou o braço e abriu a gaveta na mesinha de cabeceira, pegando uma caneta-tinteiro preta e fina. Com movimentos cuidadosos e certos, ela pressionou a ponta contra o pulso, desenhando uma linha fina e pequena, que se juntou a treze outras, permanentemente marcadas com tinta alquímica.

Catorze assassinatos. Catorze vidas abreviadas para que Beru pudesse viver.

Ephyra notava o jeito que Beru marcava a própria pele depois que ela marcava outra vítima. Percebia como a culpa consumia a irmã depois de cada morte. As pessoas que Ephyra matava estavam longe de ser inocentes, mas aquilo não parecia importar para Beru.

— Talvez essa seja a última vez que precisamos fazer isso — disse Ephyra em voz baixa.

Esse era o verdadeiro motivo de terem ido para Pallas Athos. Em algum lugar naquela cidade de fé decaída e templos em ruínas, havia uma pessoa que sabia como curar Beru para sempre. Essa era a única coisa que Ephyra desejara nos últimos cinco anos.

Beru desviou o olhar.

— Eu também trouxe outra coisa para você — Ephyra disse, suavizando a voz. Enfiando a mão na bolsa pendurada no cinto, ela pegou a tampa de uma garrafa de cristal que encontrou no chão do quarto do sacerdote. — Achei que você podia usar na pulseira que está fazendo.

Beru pegou a tampa da garrafa, virando-a nas mãos. Parecia uma pequena joia.

— Você sabe que não vou deixar nada acontecer com você — disse Ephyra, cobrindo a mão da irmã com a sua.

— Eu sei. — Beru engoliu em seco. — Você sempre se preocupa comigo. Às vezes, acho que é só isso que você faz. Mas sabe de uma coisa? Eu me preocupo com você também. Sempre que você sai.

Ephyra bateu o dedo no rosto da irmã como reprimenda.

— Eu não vou me machucar.

Beru passou os dedos sobre as catorze marcas de tinta no seu pulso.

— Não é isso que quero dizer.

Ephyra afastou a mão.

— Vá dormir.

Beru se virou e Ephyra se deitou ao lado dela. Ficou ouvindo a respiração tranquila da irmã, pensando naquela preocupação não nomeada. Ela também se preocupava, em noites como aquela, quando sentia o coração da vítima ficar cada vez mais lento, até parar de vez, quando arrancava os últimos resíduos de vida deles. Os olhos escureciam, e Ephyra sentia um alívio doce e saciado, e, em igual medida, um medo profundo e inevitável — de que matar monstros a estava transformando em um deles.

## 2

### HASSAN

Hassan ergueu sua túnica enquanto subia a estrada sagrada. O criado que lhe emprestara a roupa era um pouco mais alto que ele, fazendo com que o tecido pendesse estranhamente em volta do seu corpo. Não estava acostumado com as vestes usadas em Pallas Athos. O jeito que se abriam e serpenteavam ao seu redor fazia com que sentisse saudade da firmeza do brocado de Herat, das roupas fechadas, que cobriam seu peito e pescoço.

Mas ele chamaria atenção demais se estivesse vestindo as próprias roupas, e todo o esforço para sair da *villa* de sua tia sem ser notado teria sido em vão se fosse reconhecido nas ruas. Isso para não mencionar o perigo que correria.

De qualquer forma, aquele havia sido o argumento de tia Lethia quando Hassan pedira para deixar os confins da sua casa na montanha.

— Você veio para esta cidade por questões de segurança — ela insistira. — As Testemunhas não têm certeza se o príncipe de Herat escapou deles em Nazirah, e eu quero manter as coisas assim pelo tempo que conseguirmos. O Hierofante é influente até mesmo aqui, e eu temo que, se seus seguidores souberem que você escapou, tomem para si a missão de capturá-lo para entregá-lo a ele.

Passadas duas semanas daquela discussão, Hassan decidira resolver a questão por conta própria. Sua tia fora passar a tarde na cidade, e Hassan aproveitara a chance. Ele descobriria o que estava

acontecendo em seu reino desde que fora embora — todas as coisas que a tia não sabia ou não queria contar a ele.

A tarde estava quente, e a Estrada Sagrada estava repleta de atividades. Oliveiras, o símbolo de Pallas Athos, ladeavam as ruas desde a marina até a ágora, subindo até o Templo de Pallas, no ponto mais alto da cidade. Pórticos colunados abriam-se para lojas, tavernas e banhos públicos nos dois lados da estrada.

O mármore frio e as austeras pedras calcárias dessa cidade faziam Hassan sentir saudades das cores intensas da capital de Herat, Nazirah — tons de dourado, ocre e carmim, além de tons fortes de verde e azul vívido.

— Você aí! Pare!

Hassan congelou. Ele mal tinha andado um quilômetro e meio desde a *villa* e já tinha sido pego. Arrependimento e constrangimento arderam dentro dele.

Mas quando se virou em direção à voz, percebeu que não era com ele que estavam falando. Um açougueiro, parado ao lado de uma banca no mercado, gritava com outra pessoa na rua.

— Ladrão! Pare!

Várias pessoas pararam, olhando em volta. Mas um menino franzino continuou correndo e, antes que Hassan pudesse decidir o que fazer, o garoto se chocou contra ele.

Hassan cambaleou para trás, mas conseguiu segurar o menino, evitando que ambos caíssem na rua pavimentada.

— Ladrão! Ladrão! — gritou o açougueiro. — Aquele é o ladrão!

Hassan segurou o garoto pelos ombros, analisando sua calça esfarrapada no joelho e o rosto imundo. Ele segurava um pacote de papel pardo contra o peito. Seus traços e a pele cor de bronze demonstravam que ele era, sem a menor sombra de dúvida, um heratiano — ali estava uma criança da sua terra natal. Hassan

olhou para o açougueiro que vinha na direção deles com o rosto vermelho.

— Achou que fosse escapar, não é? — o açougueiro perguntou ao garoto. — Você não vai gostar nada do que fazemos com ladrões nesta cidade.

— Eu não sou um ladrão! — o garoto exclamou, afastando-se de Hassan. — Eu paguei por isso.

Hassan se virou para o açougueiro.

— É verdade?

— O garoto me entregou algumas moedas sem valor, nem metade do preço desse corte! — respondeu o açougueiro, indignado. — Achou que eu não fosse notar e que você poderia escapar, não é mesmo?

O garoto negou com a cabeça.

— Me desculpe! Achei que fosse o suficiente. Eu contei, mas o dinheiro é muito diferente aqui e eu me confundi.

— Parece que foi um simples mal-entendido — Hassan declarou, oferecendo o seu melhor sorriso diplomático. Ele pegou a bolsa de moedas pendurada em seu cinto. — Eu pago o restante. Quanto deu?

O açougueiro olhou para o garoto.

— Três virtudes.

Hassan contou três moedas prateadas com a marca da oliveira de Pallas Athos e as entregou ao açougueiro. O homem bufou ao pegar o dinheiro.

— Vocês, refugiados, acham que podem viver da nossa caridade para sempre.

Hassan ficou com raiva. Uma pequena parte sua desejou poder revelar quem realmente era para aquele açougueiro, poder castigá-lo publicamente por dizer tais coisas para o príncipe de Herat. Em vez disso, com um sorriso no rosto, declarou:

— Sua caridade inspira a todos nós.

O açougueiro tensionou o maxilar, como se não soubesse ao certo se Hassan estava caçoando dele ou não. Resmungando e acenando com a cabeça, ele voltou para sua tenda.

Assim que o açougueiro se virou, o garoto se afastou de Hassan. O príncipe o segurou pelo ombro.

— Calminha aí. Ainda não acabamos. Você não se confundiu com as moedas de verdade, não é?

O garoto lançou um olhar raivoso.

— Tudo bem — disse Hassan, gentil. — Tenho certeza de que você teve um bom motivo.

— Eu queria comprar isso para a minha mãe — respondeu o garoto. — Ensopado de carneiro é o prato favorito dela. Mas nós não comemos desde... desde que deixamos a nossa casa. Achei que se eu preparasse para ela, faria com que se sentisse como se tivéssemos voltado para lá, e talvez ela não chorasse tanto.

Hassan não conseguiu deixar de pensar na própria mãe, que *estava* em casa, embora fosse capaz de qualquer coisa para tê-la ali com ele. Para confortá-la, do mesmo jeito que aquele garoto, que devia ter pouco mais de dez anos, queria fazer com a mãe dele. Para dizer a ela que tudo ficaria bem. Ou para talvez ouvi-la dizer isso. Se é que ainda estava viva. *Ela está*, pensou. *Ela tem que estar*.

Ele engoliu em seco, olhando para o garoto.

— Melhor levarmos isso para ela, então. Vocês estão no acampamento, não estão?

O garoto assentiu. Juntos, eles seguiram, a expectativa de Hassan crescendo a cada passo enquanto cruzavam a última parte da Estrada Sagrada. A Cidade Alta de Pallas Athos foi construída nas colinas, em três camadas, uma em cima da outra, como uma grande coroa. O Portão Sagrado dava as boas-vindas à camada mais alta,

sobre a qual a ágora se abria, oferecendo uma visão completa de toda a cidade.

Acima, a construção de mármore do Templo de Pallas brilhava. Era muito mais grandioso do que os templos em Nazirah. Degraus brancos e amplos levavam até o pórtico do templo, ladeados por fileiras de colunas. Luzes se espalhavam pelas portas maciças como um farol.

Aquele era um dos seis grandes monumentos do mundo, onde o fundador da cidade, o profeta Pallas, orientara os sacerdotes que governavam, espalhando suas profecias mundo afora. De acordo com *A história das seis cidades proféticas*, pessoas de todo o continente de Pélagos costumavam peregrinar até a ágora da Cidade da Fé para se abençoar com o óleo da crisma, deixando ofertas de incenso e ramos de oliveira nos degraus do templo.

Mas nenhum peregrino pisou naqueles degraus nos cem anos que se passaram desde o desaparecimento dos Profetas. As estruturas da ágora — as despensas, os banhos públicos, as arenas e os dormitórios dos acólitos — começaram a ruir, e o mato tomou conta do lugar.

Mas agora o local estava cheio de gente e repleto de atividades novamente. Duas semanas depois do golpe, refugiados heratianos tinham se reunido ali sob a proteção do Arconte Soberano e do Conclave dos Sacerdotes de Pallas Athos. Foi por isso que Hassan deixara a *villa* — para finalmente ver com os próprios olhos os outros que, assim como ele, tinham conseguido fugir de Nazirah. Pessoas como aquele garoto.

O cheiro terroso de madeira queimada preencheu seu nariz assim que ele e o garoto passaram pelo Portão Sagrado, entrando na vila improvisada. Tendas, telheiros e abrigos malconstruídos enchiam o espaço entre as estruturas gastas pelo tempo. Retalhos de pano e escombros cobriam o chão de terra batida. O choro de crianças e o

tom brusco de discussões enchiam o ar. Bem à frente, uma longa fila de pessoas saía de uma estrutura colunada, carregando jarros e baldes cheios de água, movendo-se cuidadosamente para garantir que nenhuma gota do precioso líquido fosse desperdiçada.

Hassan parou, analisando tudo que estava vendo. Ele não sabia ao certo o que esperara encontrar na ágora, mas não era *aquilo*. Pensou, envergonhado, nos jardins prístinos e nos aposentos palacianos da *villa* de sua tia, enquanto ali, a menos de dois quilômetros de distância, seu próprio povo estava espremido em ruínas decrépitas.

Apesar da desordem generalizada, Hassan sentiu uma onda de familiaridade. Aquela multidão era formada por colonos de pele escura do deserto e pessoas bronzeadas do delta, como ele. Hassan pensou que nunca poderia andar tão casualmente em um lugar como aquele se estivesse em casa. Havia celebrações como o Festival da Chama e o Festival das Enchentes, obviamente, mas até mesmo naquelas ocasiões, Hassan e o resto da realeza se mantinham afastados do caos e da multidão, assistindo a tudo dos degraus do palácio ou na embarcação real no rio de Herat.

Uma alegria e uma estranha agitação tomaram conta dele. Aquela não era apenas a primeira vez que estava vendo seu povo desde o golpe — era a primeira vez que tinha contato como se fosse um deles.

— Azizi! — uma voz preocupada cortou a multidão que cercava a fonte. Uma mulher com cabelo escuro trançado se aproximou deles, seguida por outra de cabelo grisalho segurando um bebê no colo.

Azizi acelerou o passo em direção à mulher de cabelo escuro, que claramente era sua mãe. Ela o abraçou carinhosamente. Depois, se afastou e começou a gritar com o menino, com lágrimas nos olhos, antes de lhe dar mais um abraço.

— Desculpe, mãe. Desculpe. — Hassan ouviu quando se aproximou. Azizi parecia triste.

— Eu disse para não sair da ágora! — a mãe brigou. — Podia ter acontecido alguma coisa com você.

O menino parecia estar lutando contra as lágrimas.

A mulher mais velha deu um passo à frente para apoiar a mão no ombro de Hassan.

— Onde você o encontrou?

— No mercado, do lado de fora dos portões — respondeu Hassan. — Ele estava comprando cordeiro.

A mulher fez um som suave enquanto a criança em seus braços tentava se afastar.

— Ele é um bom garoto. — Então, abruptamente, perguntou: — Você também é um refugiado?

— Não — Hassan mentiu rapidamente. — Eu só estava no lugar certo, na hora certa.

— Mas você é de Herat.

— Sou — ele concordou, tentando não levantar suspeitas. — Eu moro na cidade. Vim até aqui para saber se há mais notícias de Nazirah. Eu... Tenho família lá. Preciso saber se estão bem.

— Sinto muito — a mulher respondeu com um tom grave. — Muitos de nós não sabem o que aconteceu com os entes queridos. As Testemunhas impediram quase todos os navios de entrar e sair do porto. As únicas informações que temos vêm de quem consegue escapar pelo Leste, pelo deserto e pelo Mar do Sul.

Hassan sabia exatamente como era. Em seus aposentos na *villa*, possuía um caderno com capa de couro preenchido com todas as informações que conseguira obter sobre o que tinha acontecido com sua cidade. Ele ainda não descobrira o que acontecera com seus pais. Não sabia se era porque tia Lethia não sabia mesmo ou se ela estava tentando protegê-lo da verdade.

Hassan não queria ser protegido. Só queria *saber*, de um jeito ou de outro. Ele se preparou e perguntou:

— E quanto ao rei e à rainha? Há alguma notícia sobre o que aconteceu com eles?

— O rei e a rainha ainda estão vivos — a mulher respondeu. — O Hierofante está mantendo eles como prisioneiros em algum lugar, mas já foram vistos em público pelo menos duas vezes desde o golpe.

A respiração de Hassan ficou ofegante. Parecia que ia desmaiar. Ele precisava tanto ouvir aquelas palavras. Seus pais ainda estavam vivos. Ainda estavam em Herat, embora à mercê do líder das Testemunhas.

— Não há notícias do príncipe — a mulher continuou. — Ele não foi visto em Nazirah desde o golpe. Simplesmente desapareceu. Mas muitos acreditam que ele sobreviveu. Que conseguiu fugir.

Foi simplesmente uma questão de sorte Hassan não estar em seus aposentos quando o Hierofante atacou o palácio. Ele adormecera na biblioteca em cima de um exemplar de *A queda do império novogardiano*, e acordara com os gritos e o cheiro azedo de fumaça. Um dos guardas de seu pai o encontrara lá e o ajudara a fugir pelos muros do jardim, levando-o até o porto e dizendo que seus pais o estavam esperando em um dos navios. Quando Hassan percebeu que o guarda mentira, já estava navegando para longe da própria cidade e do farol erguido como uma sentinela no porto.

— E o que o Hierofante está fazendo com o rei e a rainha? — Hassan perguntou.

A mulher balançou a cabeça.

— Eu não sei. Alguns dizem que mantém eles vivos para controlar a população. Outros dizem que ele está usando o rei e a rainha para demonstrar seu poder. Tanto para seus seguidores quanto para os Agraciados em Nazirah.

— Seu poder? — repetiu Hassan, sentindo que ela estava se referindo a algo mais do que o domínio que o Hierofante parecia ter sobre seus seguidores.

— As Testemunhas alegam que o Hierofante é capaz de impedir que os Agraciados usem suas habilidades — a mulher revelou. — Que simplesmente por estarem em sua presença, os Agraciados perdem seu poder. Os seguidores acreditam que, se provarem seu valor, o Hierofante os ensinará a adquirir esse poder também.

O maxilar de Hassan tensionou. Pensar em sua mãe e seu pai sendo sujeitados àquele tipo de demonstração o fazia ferver de raiva. Ele não conseguiu parar de imaginar — sua mãe, altiva e orgulhosa, recusando-se a se curvar. Seu pai, gentil e pensativo, escondendo o próprio medo em prol de seu povo. O Hierofante, diante de ambos, o rosto oculto por uma máscara dourada.

Hassan nunca havia visto o homem que roubara seu país, mas as pessoas falavam sobre a máscara que ele usava — dourada, um sol negro entalhado no centro da testa, ocultando seu rosto e sua identidade.

Nos últimos cinco anos, relatos construíram uma imagem do homem mascarado. Um estrangeiro, pregando pelas regiões orientais de Herat. Um orador habilidoso, capaz de silenciar um ambiente com um gesto ou incitar uma revolta com uma palavra. Diziam que o Hierofante fora nada além de um acólito do Templo de Pallas, mas que dera as costas aos Profetas, começando a espalhar a própria mensagem. Ele pregava para o povo das cidades que os poderes dos Agraciados eram anormais e perigosos, e sua mensagem começou a atrair outros, ávidos para culpar os Agraciados por todo mal que sofreram na vida.

Hassan ainda conseguia se lembrar de como seu pai ficara preocupado com os casos de violência contra os Agraciados que chegavam dos quatro cantos do reino — e mesmo em Nazirah. Em

todos os ataques, os criminosos disseram a mesma coisa: o Hierofante ordenara que profanassem o templo da aldeia. O Hierofante mandara queimar a casa do curandeiro. O Hierofante dissera a eles que estavam purificando o mundo dos Agraciados.

O Hierofante.

— Você devia conversar com os acólitos de Herat — disse a mulher, fazendo um gesto para o Templo de Pallas. — Eles estão ajudando os outros refugiados. Se sua família chegou até aqui, eles saberão.

Hassan abriu a boca para agradecer, mas um grito de gelar o sangue cortou o ar. As pessoas à sua volta congelaram. Sem parar para pensar, Hassan correu pela multidão em direção ao templo. Dois garotos passaram correndo por ele na direção oposta.

— Chamem as Sentinelas! Chamem as Sentinelas! — berrou um deles.

Cada vez mais alarmado, Hassan correu ainda mais rápido até chegar aos degraus do Templo de Pallas. Uma multidão se formou ali, como se estivesse esperando para subir.

— Saia daí, velhote! — ladrou uma voz dos degraus superiores.

Hassan esticou o pescoço para ver quem tinha falado. Mais de vinte homens estavam parados nos degraus do templo, segurando martelos, bastões e porretes. Eles usavam túnicas com um padrão de preto e dourado em volta do punho e da bainha e estavam sem capuz, revelando seus cabelos curtos. O que falara tinha uma barba grisalha e rala.

Testemunhas — seguidores do Hierofante. Bastava olhar para eles para o sangue de Hassan ferver nas veias, e ele se viu abrindo caminho até ficar na frente da multidão. No alto dos degraus, um idoso usando a túnica verde-clara e dourada dos acólitos de Herat estava parado, enfrentando as Testemunhas.

— Este templo é um refúgio sagrado para os necessitados — o idoso afirmou, sua voz mais tranquila do que a do barbudo. — Não permitirei que o profanem em nome de suas mentiras e do seu ódio.

— As únicas pessoas buscando refúgio aqui são os Agraciados — sibilou o barbudo. — Eles mancham a energia sagrada do mundo com seus poderes anormais.

Aquelas últimas palavras pareceram ser direcionadas a duas das outras Testemunhas. Eram mais jovens. Um, baixinho e com rosto redondo; o outro, alto e magrelo. O mais baixo agarrou a picareta em suas mãos trêmulas. Parecia quase com medo. Mas o rapaz alto ao seu lado permanecia estranhamente calmo, a não ser pelos seus olhos cinzentos, que brilhavam de animação. Em vez das vestes pretas e douradas, os dois usavam túnicas brancas. Iniciados, em vez de membros plenos.

O restante das Testemunhas parecia estar aguardando que eles fizessem alguma coisa.

A voz do barbudo ficou ainda mais alta ao continuar:

— Esta cidade é a prova da corrupção dos Agraciados. Homens que se autodenominam sacerdotes passam seu tempo cedendo aos vícios da carne e exigindo tributos do povo. Um assassino Agraciado está solto pelas ruas, tirando vidas. E agora esses Agraciados vieram covardemente para cá, fugindo do Imaculado e de sua verdade.

*O Imaculado.* Hassan conhecia essa expressão. Era como as Testemunhas se referiam ao Hierofante.

— O Acerto de Contas está chegando — o homem continuou. — Seus reis corruptos e falsos sacerdotes logo cairão, assim como as abominações que ocupavam o trono de Herat. E o Imaculado recompensará seus seguidores, até mesmo seus mais novos discípulos. Aqueles que provarem o comprometimento com sua mensagem conquistarão a honra de usar sua marca. — A

Testemunha puxou sua manga. Queimado nas costas varicosas de sua mão estava o símbolo de um olho com um sol negro no lugar da pupila. — Essa é sua chance de mostrar a ele a devoção à nossa causa e conquistar sua marca. Façam essas aberrações temerem o nome dele. Mostrem a verdade da corrupção em que vivem. Mostrem para todos, para que não possam deixar de ver!

As outras Testemunhas seguiram o exemplo do homem e puxaram suas mangas para revelar a mesma marca queimada em suas peles.

O velho acólito se aproximou do iniciado com rosto rechonchudo.

— Você não precisa fazer isso — ele disse, gentil. — O Hierofante pregou mentiras, mas você não precisa ouvi-los.

O iniciado rechonchudo segurou a picareta com mais força, seu olhar alternando entre o líder das Testemunhas e a multidão atrás dele.

Ao seu lado, o iniciado alto e magrelo sibilou para o acólito, cheio de nojo:

— Foram seus Profetas que espalharam mentiras. *Eu* vou mostrar minha devoção ao Hierofante. — Sem dizer mais nada, ele se aproximou do acólito e deu uma bofetada em seu rosto. O golpe foi forte suficiente para que o velho caísse de joelhos.

A multidão gritou. O sangue de Hassan ferveu, fazendo-o subir os degraus em direção às Testemunhas. O iniciado magricelo se virou e cuspiu no acólito. A fúria excedeu a razão quando Hassan agarrou o iniciado pelo capuz e acertou um soco bem no meio de seu rosto.

Ele ouviu a multidão ofegar enquanto o iniciado cambaleava para trás.

A Testemunha de barba deu um passo em direção a Hassan, cercándolo-o.

— Em nome do Hierofante, quem é você?

— Alguém que você não deveria enfurecer — Hassan respondeu.  
— Mas já é tarde demais para isso.

Ele estava sedento por luta, e as Testemunhas pareciam prontas para lhe dar uma. Eram seguidores dos fanáticos que tomaram seu reino e aprisionaram seus pais. E eram o mais próximo que Hassan teria para descontar toda raiva que sentia do Hierofante naquele momento.

O iniciado magrelo se aproximou dele, seus lábios retorcidos de nojo.

— Mais um Agraciado nojento defendendo o poder ilícito que tem sobre o resto de nós. Os Profetas o amaldiçoaram quando lhe concederam a sua Graça.

Hassan foi tomado pela raiva — e vergonha. Porque ele *não era* Agraciado. Embora esse fato não diminuísse a raiva que sentia das Testemunhas e da ideologia deturpada que seguiam. Ele queria corrigir o iniciado — e, ao mesmo tempo, queria ser temido por ele, ser considerado um dos Agraciados escolhidos.

Nas Seis Cidades Proféticas, e além delas, os Agraciados eram reverenciados por suas habilidades. Os primeiros Agraciados receberam seus poderes diretamente dos Profetas. Embora apenas alguns poucos milhares de Agraciados nascessem por ano, muitos deles ocupavam posições de poder.

Todos os reis e rainhas que já ocuparam o trono de Herat até então eram dotados de uma Graça. Hassan passara grande parte de sua vida desejando que uma das quatro Graças do Corpo se manifestasse nele. Ser capaz de curar com a Graça do Sangue ou prever o futuro com a Graça da Visão. Ser como seu pai, com a Graça da Mente, e ter a habilidade de criar objetos impregnados de *esha*, capazes de coisas incríveis. Ou como sua mãe, cuja Graça do Coração a tornava forte como um touro, rápida como uma víbora,

capaz de enxergar no escuro e ouvir um coração batendo a mais de trezentos metros de distância.

Com o passar dos anos, o desejo de Hassan foi ficando cada vez mais desesperado. Embora houvesse relatos de pessoas que manifestaram a Graça aos dezessete anos, seus pais e avós descobriram a deles antes dos doze. Agora, aos dezesseis, Hassan tinha perdido as esperanças de ser um Agraciado. As palavras do iniciado trouxeram toda aquela vergonha da infância para a superfície.

Ele partiu para cima do magrelo, a fúria servindo como combustível de suas ações. Estendeu os braços, suas mãos flexionadas e prontas para se fecharem no pescoço de seu oponente. Mas algo colidiu contra a lateral do seu corpo e, quando Hassan se virou, viu o iniciado rechonchudo em cima dele.

Ele atacou Hassan novamente, que conseguiu se desviar, apoiando-se em um dos joelhos. Quando olhou para cima, viu o magrelo alto segurando as vestes do velho acólito.

— O Hierofante saberá a força da minha devoção! — gritou o iniciado, pegando uma faca de lâmina brilhante em seu cinto. — Os Profetas se foram, e os Agraciados serão os próximos!

— *Não!* — Hassan exclamou, saltando na direção dos rapazes. Ele deu um forte empurrão no acólito, tirando-o do caminho, e partiu para cima do magrelo. Mas o iniciado desviou e se virou para Hassan, a faca brilhando em sua mão.

Embora não tivesse a velocidade e a força provenientes da Graça, sua mãe lhe ensinara a se defender e a lutar. Ele girou nos calcanhares e abriu os braços em direção à faca. A lâmina o cortou abaixo do cotovelo, abrindo a pele desprotegida. Uma dor dilacerante o atingiu, mas ele não permitiu que aquilo tirasse sua concentração. Com a outra mão, Hassan segurou a faca e a afastou de seu corpo.

O magrelo e ele estavam em uma luta corpo a corpo, empurrando-se e forçando a faca para cima. Sangue morno pingou no ombro de Hassan, seu braço inteiro latejante e quente de dor. Ele olhou nos olhos arregalados do iniciado. A raiva profunda e fervente que estava supurando nas últimas duas semanas passaram por Hassan conforme arrancava a faca do seu oponente.

Ele olhou para a lâmina na sua mão, dominado pelo impulso de cravá-la no coração do iniciado. Como se sangue pudesse fazê-lo pagar por toda a dor que essas pessoas e seu líder tinham causado ao seu povo.

Mas antes que pudesse agir, um ataque por trás o lançou para a frente. A faca caiu no chão, e o mundo ficou embaçado quando Hassan bateu com a cabeça nos degraus do templo. Ele cobriu o rosto com as mãos para se proteger das outras Testemunhas que avançavam, brandindo seus porretes.

Mas os golpes não chegaram. Hassan ouviu um grito forte e o som de três corpos caindo nos degraus de mármore.

Quando olhou para cima, viu apenas luz.

Nos degraus, no meio das três Testemunhas caídas, estava uma garota. Ela era indiscutivelmente uma heratiana, mais baixa que Hassan, mas forte, com uma pele marrom-escura e cabelos negros e grossos presos em um coque. As laterais eram cortadas bem rente à cabeça, no estilo dos Legionários de Herat. A luz forte, ele percebeu, era o reflexo do sol da tarde sobre a espada curva que ela segurava nas mãos.

Dois outros espadachins heratianos estavam ao lado dela, olhando atentamente para as Testemunhas, que rapidamente retrocederam.

— Saiam daqui agora — disse ela para as Testemunhas nos degraus. Sua voz era baixa e autoritária. — Se vocês pisarem neste templo novamente, será o último lugar que pisarão.

As Testemunhas, que demonstraram tanta coragem diante do velho acólito e dos refugiados desarmados, não pareceram tão dispostas a enfrentar os Legionários Heratianos Agraciados com suas espadas. Eles fugiram pelas escadas do templo, olhando por cima dos ombros enquanto corriam.

Apenas a Testemunha de barba grisalha ficou para trás. Ele se afastou devagar.

— O Acerto de Contas chegará para todos vocês! — ele gritou para a multidão enquanto se virava para seguir os outros para fora do templo.

— Você os expulsou — disse um dos outros espadachins para a garota.

Ela negou com a cabeça.

— Eles voltarão, como ratos. Mas estaremos prontos para eles.

— Olhem só — disse o outro espadachim, apontando para a escada do templo. — As Sentinelas chegaram. Bem a tempo de perder toda a ação.

Hassan se virou e viu os uniformes azul-claros das Sentinelas enquanto eles marchavam pela multidão que se dispersava. Na época dos Profetas, a cidade e o Templo de Pallas eram protegidos pelos Paladinos da Ordem da Última Luz — soldados Agraciados que serviam aos Profetas. Mas quando os Profetas desapareceram, o mesmo aconteceu com a Ordem, e agora a proteção da cidade estava a cargo das Sentinelas, uma guarda formada por mercenários sem nenhuma Graça, que lutavam para quem pagasse mais.

— Você está bem? — perguntou a heratiana.

Hassan levou um tempo para perceber que a pergunta era direcionada a ele. Virando-se, ele seguiu o olhar da garota até o ferimento em seu braço. Estava feio, coberto de sangue seco.

— Foi só um arranhão — ele respondeu. A raiva tinha exercido algum controle na dor, mas olhar para o ferimento o fez se sentir tonto. A explosão de raiva anterior tinha se dissipado e agora não passava de um leve calor. Sentiu que logo ficaria com dor de cabeça.

— O que você fez foi muito idiota — ela declarou. Com um movimento rápido e certo, embainhou a espada de lâmina curva em seu cinto. — Idiota, mas corajoso.

Ouvi-la dizer que o achava corajoso fez o estômago de Hassan dar cambalhotas.

— Eu nunca o vi aqui no acampamento — ela comentou, inclinando a cabeça.

— Não sou refugiado — ele disse. — Eu estudo aqui.

— Estuda aqui — a garota repetiu. — Academo é bem longe daqui, não é?

Hassan foi salvo de responder quando o velho acólito apareceu ao seu lado.

— Emir! — a garota exclamou. — Você não está ferido, está?

O acólito fez um gesto com a mão.

— Não, não, estou muito bem, Khepri. Não precisa se preocupar. — Ele se virou para Hassan. — Creio que você deixou cair uma coisa. — Ele estendeu a mão. Na sua palma calejada estava a bússola de Hassan.

Ele a pegou.

— Minha bússola!

— Não pude deixar de notar que ela tem um comportamento peculiar — Emir comentou. — Ela aponta para o farol de Nazirah, não é?

Hassan assentiu devagar. O farol era o símbolo de Nazirah, a Sábia, cujo nome foi dado à capital de Herat e cuja profecia levou ao fundamento da cidade.

O pai de Hassan fizera aquela bússola e dera de presente a ele no dia de seu aniversário de dezesseis anos. Ele dissera que sabia que o filho a manteria em segurança e que, quando a hora chegasse, saberia manter o reino em segurança também. Antes daquele momento, Hassan tinha abandonado a esperança de suceder seu pai como rei de Herat.

— Eu não posso. — Hassan soluçara ao falar com seu pai. — Eu não sou... Eu não fui abençoado com nenhuma Graça. Mesmo que os sábios digam que ainda há tempo para ela se manifestar, você e eu sabemos que já é tarde demais.

O pai traçara o farol entalhado na bússola com o polegar.

— Quando a Profetisa Nazirah fundou esta cidade, ela teve a visão deste farol, um marco de aprendizagem e razão. Ela previu que, enquanto o farol de Nazirah existisse, a linhagem de Seif governaria o reino de Herat. A sua Graça pode se manifestar amanhã. Ou nunca — ele dissera. — Mas Agraciado ou não, você é meu filho. O herdeiro da linhagem de Seif. Se em algum momento você perder a fé em si mesmo, esta bússola a trará de volta.

Com as palavras do pai ecoando em sua cabeça, Hassan guardou a bússola e se deparou com o olhar curioso do acólito. Seria um simples interesse em seus olhos ou estaria ele desconfiando de alguma coisa? Teria ele reconhecido Hassan?

— Nazirah? — perguntou a heratiana. — Você é de lá?

— É do meu pai — respondeu. Não era mentira. — Ele nasceu lá.

Pensar no pai fez Hassan sentir um peso no peito. O que ele diria se tivesse visto sua reação? Sentiu a vergonha tomá-lo ao perceber como permitira que sua raiva assumisse o controle.

— É melhor... É melhor eu ir.

— Você devia procurar um curandeiro — a heratiana sugeriu. — Há alguns aqui no acampamento. Tenho certeza de que eles

ficariam muito felizes de cuidar do seu braço, principalmente se soubessem como você...

— Não — Hassan interrompeu. — Eu agradeço. É muita gentileza, mas preciso voltar.

A tarde estava caindo e a noite chegando, e Hassan sabia que tinha menos de uma hora antes que os servos da tia o chamassem para o jantar e percebessem que ele não estava em seus aposentos. Ele precisava de tempo para voltar e esconder o ferimento.

— Bem — disse o acólito em um tom caloroso. — Talvez você volte.

— Sim — Hassan respondeu, olhando para a heratiana. — Quer dizer, eu vou tentar.

Ele saiu apressado pelo templo e voltou para a Estrada Sagrada. Mas quando estava chegando ao portão, virou-se e olhou para a ágora e para o acampamento improvisado espremido abaixo do Templo de Pallas. Atrás dele, o sol estava se pondo acima do mar turquesa, e Hassan viu as primeiras fogueiras serem acesas, ganhando vida e emitindo fumaça para o céu, como orações.

### 3

## ANTON

Algo acontecera na taverna Jardim de Tálassa.

Sempre havia mais Sentinelas nas ruas quando Anton passava pelos portões que separavam a Cidade Baixa da Cidade Alta. Mas, naquele dia, havia muito mais do que algumas. Dezenas de Sentinelas com uniformes azul-claros e emblemas da oliveira branca cercavam as tavernas e banhos públicos em volta da praça Elea. Um esquadrão completo estava do lado de fora do Jardim de Tálassa com suas espadas ao lado do corpo.

Anton abriu caminho, passando por lojistas e outros curiosos que cochichavam entre si, até conseguir ver um grupo pequeno de pessoas usando o mesmo uniforme verde-oliva que o dele.

— Até que enfim! — uma voz animada exclamou, pegando o pulso de Anton e o levando através da multidão até o muro externo do Jardim de Tálassa. — Você escolheu um péssimo dia para chegar atrasado ao trabalho.

— Oi, Cosima — cumprimentou Anton, piscando para a colega. — O que está acontecendo?

Cosima tragou seu cigarro e soprou uma nuvem espessa de fumaça valeriana bem na cara dele, seus olhos castanho-claros se iluminando.

— Um assassinato.

— O quê... *Aqui?* — Anton perguntou. — Um hóspede?

Cosima assentiu, batendo as cinzas do cigarro.

— *Um sacerdote.* Armando Curio.

— Quem?

Ela revirou os olhos.

— Claro. Eu esqueço que você não é daqui. Curio é um dos sacerdotes do Templo de Pallas. Mas ele tem uma reputação diferente por aqui.

Não era incomum que houvessem membros da classe dos sacerdotes com uma reputação ruim no Jardim de Tálassa. Desde a fundação da cidade, salões de aposta, casas clandestinas de jogos e outras atividades ímpias foram restringidas à Cidade Baixa, onde Anton morava. A Cidade Alta, onde os sacerdotes e as classes mais altas viviam, devia ser o modelo de virtude e devoção. Talvez tenha sido, um dia. Mas agora, a classe dos sacerdotes parecia se interessar apenas pelo próprio enriquecimento, cedendo aos próprios vícios e desejos em lugares como o Jardim de Tálassa — lugares onde tais indulgências se ocultavam sob um véu de respeitabilidade.

Cosima tragou o cigarro novamente.

— Acho que não foi surpresa nenhuma o motivo de ele ter sido escolhido.

Anton a olhou, severo.

— Como assim, “escolhido”?

— Estão dizendo por aí — revelou ela, usando o mesmo tom que usava quando queria que ele prestasse atenção em cada uma de suas palavras — que foi a Mão Pálida que o matou.

— Quem está dizendo?

Cosima balançou a mão vagamente pela fumaça.

— Stefanos disse que viu quando tiraram o corpo. A marca da mão branca estava em volta do pescoço, exatamente como as vítimas de Tarsépolis.

— Stefanos é um idiota — respondeu Anton automaticamente.

Mas sentiu sua pele formigar. Aquela era a primeira vez que Anton ouvia falar sobre a Mão Pálida estar em Pallas Athos, mas escutara rumores sobre mortes misteriosas, assinaladas por uma marca única de mão branca, quando morava nos arredores de Tarsépolis. Ouvira rumores semelhantes em Cárites, há quase cinco anos.

Todos diziam a mesma coisa — que a Mão Pálida só matava aqueles que mereciam.

— Por que você acha que ela o escolheu? — Anton perguntou. — O que ele fez?

— O de sempre — respondeu Cosima.

Isso significava saquear as riquezas dos templos da cidade para oferecer festas luxuosas, onde sacerdotes se banquetavam, bebiam e se satisfaziam com quaisquer homens ou mulheres que os atraíssem.

— E pior — ela continuou. — Curio tinha a Graça da Mente, e todo mundo dizia que ele era um alquimista muito talentoso. Só que ele não fazia remédios ou poções de sorte. Dizem por aí que a especialidade dele era uma bebida que deixa a pessoa dócil e obediente. Dizem que ele costumava ir até a Cidade Baixa à procura de garotos e garotas e dizia que eles tinham sido escolhidos para servir o templo. Então ele os drogava e, bem...

Anton sentiu um aperto no estômago. Ele sabia que tipos de coisas horríveis os homens poderosos faziam com pessoas vulneráveis.

— O que vocês dois estão cochichando aí?

Anton se virou e viu que Stefanos se aproximava. Com um sorriso afetado e postura arrogante, Stefanos era um atendente pessoal em Tálassa, e os hóspedes pareciam adorá-lo tanto quanto o restante da equipe o detestava. Ele estava sempre vigiando a cozinha, exigindo provar a comida para se certificar que tudo

estivesse perfeito e se gabando em alto e bom som sobre os sacerdotes ou mercadores ricos que atenderia naquela noite. Sua única qualidade redentora era sua capacidade de perder quantias enormes de dinheiro para Anton nos jogos de Cambarra depois do trabalho.

Anton não ficou surpreso quando viu que Stefanos estava usando aquele assassinato como uma oportunidade de parecer importante.

Mesmo assim, estava curioso.

— Cosima disse que você viu o corpo.

Stefanos olhou para Anton, seus lábios grossos esticados em um sorriso.

— É mesmo?

— E então? — Anton perguntou, levantando as sobrancelhas. — Você viu?

Stefanos apoiou um braço nos ombros de Anton.

— Olha, eu já vi muita coisa estranha na minha vida. Mas aquilo? Lá dentro? Foi, de longe, a coisa mais amaldiçoada por Társeis que já vi. O cara não tinha nenhum arranhão. Só um *toque*, e ele estava... — Ele fez um gesto simulando um corte na garganta. — Isso faz a gente parar para pensar... talvez seja hora de abrirmos nossos olhos e percebermos o quanto esses Agraciados são perigosos.

Anton estremeceu involuntariamente.

— Você é um idiota — disse Cosima para Stefanos, ecoando o sentimento que Anton expressara antes.

Stefanos olhou para ela e sibilou:

— Você entenderia se também tivesse visto.

— Você parece pronto para raspar a cabeça como aqueles outros fanáticos encapuzados — Cosima disse, soprando outra nuvem de fumaça.

— Os Profetas não estão mais aqui para controlar os Agraciados — Stefanos respondeu. — Nós já vimos o tipo de coisa que os sacerdotes fazem por aqui, só porque são Agraciados e se acham melhores do que nós. E agora temos pessoas como essa tal de Mão Pálida andando por aí, matando quem quiser com esses seus poderes anormais.

— Espere, então você está dizendo que Curio mereceu ou que a Mão Pálida deve ser detida? — Cosima perguntou objetivamente.

Os olhos de Stefanos brilharam.

— Estou dizendo que talvez as Testemunhas estejam certas. Talvez seja hora de o mundo finalmente se livrar dos Agraciados.

Anton sentiu um nó na garganta. Stefanos era irritante, mas nunca sentira medo dele antes. Agora, no entanto, a expressão sombria do colega causava arrepios. Ele não sabia — não tinha como saber — que Anton era uma das pessoas que ele e as Testemunhas queriam apagar da face da Terra. Que assim como outros sacerdotes de Pallas Athos e a Mão Pálida, Anton era um Agraciado.

Cosima deu um soco no ombro de Stefanos.

O garoto deu um salto para trás, segurando o próprio braço.

— Ai! Por que você fez isso?

— Para fazer você calar a boca e parar de falar besteira — Cosima respondeu. — E depois? Você vai queimar um relicário para provar sua devoção ao Hierofante? Dizem por aí que todos os que se juntam às Testemunhas precisam cometer um ato de violência contra um Agraciado.

— Eles estão enfrentando os Agraciados — Stefanos respondeu. — Alguém precisa fazer isso.

— Sério? — perguntou Cosima. — E aquela história que Vasia nos contou na semana passada no jogo de Cambarra? Sobre o homem que assassinou os próprios filhos Agraciados no meio da

madrugada para provar seu valor para as Testemunhas. Ou você acha que aquelas crianças mereceram isso só porque eram Agraciadas?

— É só boato — Stefanos sibilou. — Não aconteceu de verdade.

— Vamos lá — Cosima respondeu rispidamente. — Esse Hierofante fez as pessoas tatuarem olhos em chamas na pele e as convenceu de que os Agraciados estão corrompendo o mundo. Você realmente acha que lunáticos desse tipo não fariam uma coisa dessas?

— Tanto faz — Stefanos respondeu.

Com um último grunhido, ele foi embora e seguiu para o grupo seguinte de funcionários do Tálassa para contar sua história. Cosima olhou para Anton com ar de preocupação assim que Stefanos se afastou.

Anton forçou um sorriso.

— Esse cara é mesmo um idiota.

— Era de se imaginar que ele engoliria toda essa merda que as Testemunhas pregam — Cosima comentou, jogando a ponta de seu cigarro no chão. — Elas são exatamente como ele, inventando toda aquela merda para chamar atenção. Puxando o saco de qualquer um que tenha poder.

— É — Anton concordou, tentando dar uma risada. Soou falsa aos seus ouvidos, mas Cosima pareceu não notar.

— Vamos — ela chamou, dando um soquinho de brincadeira na cabeça de Anton. — Vamos entrar antes que a gente leve bronca. Ou que *eu* leve uma bronca. De algum jeito, você nunca leva.

Anton abaixou a cabeça com o golpe da garota.

— É porque todo mundo gosta de mim.

— Não consigo imaginar o motivo.

Os sons alegres da preparação do jantar os envolveram quando atravessaram a cozinha até a pia dos garçons para lavar as mãos.

Anton abriu a torneira de cobre, deixando a água morna encher o fundo da pia enquanto tentava se esquecer da Mão Pálida e das Testemunhas. Aquilo não tinha nada a ver com ele. Ninguém na cidade sabia que era um Agraciado. Não havia motivo para isso mudar.

— Ah, Anton! — uma voz animada exclamou atrás dele. — Eu estava te esperando.

— Ah, *estava*? — Cosima perguntou em tom de provocação.

As bochechas rechonchudas de Darius imediatamente ficaram rosadas. Ele era o mais novo e mais jovem garçom de Tálassa, e se apegara a Anton quase que imediatamente. O que não seria problema para ele, a não ser pelo fato de Darius se atrapalhar todo em seu trabalho sempre que Anton aparecia. Não se passava um dia sequer sem que Darius derrubasse uma bandeja ou esbarrasse em uma mesa quando Anton estava por perto.

— É... É só por causa de uma hóspede — Darius gaguejou, evitando os olhos de Anton. — Ela está perguntando por você.

— Uma *hóspede*? — Cosima cantarolou, alegre. — Perguntando por Anton? Que tipo de hóspede?

Tirando alguns clientes regulares que às vezes buscavam algo mais do que apenas um jantar, ninguém nunca visitava Anton em Tálassa. O que era uma grande decepção para Cosima, que sempre queria meter o nariz onde não era chamada.

— Hum — disse Darius, mordendo seu lábio inferior. — Uma mulher? Ela parecia rica?

— É claro que ela é rica — Cosima comentou com desdém. — O que ela queria?

— Eu não sei? — Darius lançou um olhar para Anton, como se desconfiasse que ele soubesse a resposta.

Anton olhou para a espuma em seus dedos.

— Obrigado, Darius. — Ele se virou, dando seu sorriso mais charmoso. — Melhor você ir. Não deixe Arctus brigar com você por minha causa.

Darius assentiu, suas bochechas ficando ainda mais vermelhas, e se apressou para sair, esbarrando em uma bandeja de sobremesas cobertas com mel ao ir embora.

Anton estendeu as mãos para enxugá-las, mas Cosima pegou a toalha antes que ele conseguisse alcançá-la, olhando-o de esguelha.

— Quem deve ser essa hóspede, hein? Você está tentando me enganar? Bancando o *empreendedor* nas horas vagas?

— Um garoto respeitável como eu? — Anton perguntou, com olhos arregalados e ar de inocência, pegando a toalha das mãos de Cosima.

— Poxa, você não vai me contar nada?

Ele abriu um sorriso e jogou a toalha no cesto.

— Pensei que você achasse meu ar misterioso um charme.

— Você está me confundindo com o Darius. — Cosima deu uma risada debochada. — Aquele pobre garoto tonto.

Anton piscou e passou por ela.

— Te vejo mais tarde no jogo de Cambarra.

Antes que ela pudesse responder, Anton saiu pela cozinha, desviando-se de um garçom com uma pilha de cestos de pão e seguindo pela porta. Luzes incandescentes brilhavam no pátio cheio de mesas e cadeiras. Passarelas e passadiços elevados se cruzavam sobre lagos cintilantes, sombreados por árvores de folhas grandes e coberturas de tecido dourado e rosa.

Quando ele entrou no jardim, sentiu o zunido baixo e crescente que sempre o envolvia quando estava no meio da multidão. Ele se preparou para o ataque de cada *esha* emanando de cada pessoa sentada no pátio, desde comerciantes, sacerdotes e dignitários estrangeiros tomando vinho alquímico até os garçons que

circulavam entre eles, carregando bandejas com cordeiro, e as dançarinas que os provocavam com sedas brilhantes. Por baixo da cacofonia das conversas e da melodia gentil dos músicos que tocavam lira havia isto: o pulsar do mundo que apenas Anton era capaz de ouvir.

Bem, não *apenas* Anton. Havia outros como ele, com a Graça da Visão, embora poucos fossem tão sintonizados às vibrações da energia sagrada do mundo. Anton cresceu acostumado a bloquear aquilo, ignorando o fluxo e refluxo de *esha*, mas naquela noite, quando atravessou os jardins, permitiu-se absorver tudo aquilo. Estava procurando por uma pessoa em particular.

Ele sentiu quase imediatamente — o sino alto e claro ecoando dentro dele. Pertencia, ele sabia, à mulher que estava sentada na mesa do outro lado do pátio, no canto, observando atentamente sua aproximação.

Ninguém estranharia a presença daquela mulher em Tálassa, arrumada como estava, com um vestido elegante em um profundo tom de roxo e um colar de esmeralda adornando seu longo pescoço. Mas, para Anton, ela se destacava como um ás de coroas em uma jogada de Cambarra. Ela estava exatamente como da última vez que Anton a vira — o mesmo cabelo preto-azulado preso em um coque complexo, o mesmo rosto sombrio e arredondado que não indicava sua idade. O mesmo *esha*, que parecia o tilintar de sinos de prata.

— Jantando sozinha? — perguntou ele assim que chegou à mesa dela.

— Na verdade — começou a mulher —, meu convidado acabou de chegar.

Quando se conheceram, ela se apresentara como sra. Tappan, mas Anton sabia muito bem como a mulher inventava nomes com facilidade. Ele não sabia qual era seu nome verdadeiro, e ela nunca lhe dissera. Também não sabia o que exatamente ela queria com

ele. Em seus momentos mais sentimentais, conseguia se convencer de que ela realmente queria ajudá-lo. Mas, com mais frequência, achava que a mulher só se divertia com seus joguinhos.

E, para ele, tudo bem. Anton gostava de jogar.

— O que você quer?

Ela pousou as mãos cruzadas sobre a mesa de mármore.

— Ouvi dizer que o cordeiro aqui é divino.

— Você sabe o que eu quis dizer.

— Passei na sua linda casinha ontem à noite — ela comentou, como se não o tivesse escutado. — Que pena que não consegui encontrá-lo. Fazendo hora extra, imagino?

Anton não ficou surpreso com o fato de a Mulher Sem Nome ter tentado encontrá-lo em casa, nem de saber onde ele morava.

— Embora eu me pergunte por que, com este emprego respeitável, você não tenha escolhido um lugar um pouco menos... *aconchegante*.

— Acabei de começar a trabalhar aqui — Anton mentiu. — Mal consegui pagar o aluguel do mês passado.

O olhar da mulher revelou que ela percebeu a mentira na hora, mas ele não lhe daria a satisfação de dizer a verdade em voz alta. Ele podia pagar por um lugar melhor, mas preferia manter o lugarzinho na Cidade Baixa porque seria mais fácil deixar tudo para trás se fosse necessário. Estava em Pallas Athos havia seis meses, mais tempo do que já passara em qualquer lugar desde que era criança, mas aquilo não significava que a cidade era seu lar.

— O que você quer? — ele insistiu.

Ela suspirou, como se sua falta de decoro fosse uma decepção.

— Pegue uma taça de vinho para mim e então vamos conversar. Algo de Endarrion, se você tiver. Nada local. O vinho daqui é horrível.

Anton se virou, atravessando o pátio e seguindo para a adega. Quando chegou ao alto da escada, parou, pensando se deveria ou não simplesmente continuar andando, sair da taverna e seguir pelo labirinto de ruas, onde poderia despistá-la e se perder.

Não importaria. Ela simplesmente o localizaria de novo.

A primeira vez que fizera isso fora um ano antes, em uma casa clandestina de jogos localizada em uma cidade à beira do canal, ao sul de Tarsépolis. Anton passara seis noites seguidas na mesa de jogos, no térreo, enchendo os bolsos com o dinheiro que ganhava dos ricos que iam beber e jogar antes de subirem para aproveitar as garotas e garotos nos quartos.

Mas na sétima noite em que Anton se sentou à mesa de jogos, ele se deparou com uma mulher elegante que nunca vira antes.

Mesmo naquela época, seu *esha* era diferente, diferente do coro dos outros que vibravam dentro do salão de jogos repleto de fumaça. O som o fez pensar em prata: brilhante, mas enganosa. Ela lhe servira uma bebida e dera as cartas para uma partida de Cambarra, como se estivesse esperando por ele. Anton sentira vontade de se levantar e ir embora imediatamente, mas, com uma olhada rápida, percebeu dois guardas ao seu lado.

— Diga-me — a mulher pediu —, quanto você ganhou na minha mesa de jogos nessas últimas noites?

Ele a encarou, atônito.

— Eu não estou trapaceando.

— Eu não disse que estava. Perguntei quanto você ganhou.

— Por quê? — Anton questionara. — Você quer me fazer uma proposta melhor?

Ela levantou uma das sobrancelhas, divertindo-se.

— Diga-me o seu nome.

— Eu não sou ninguém.

Ela apenas sorriu, e Anton se sentiu nu sob o olhar daquela mulher.

— Anton — ele respondeu, por fim.

— E quantos anos você tem, Anton?

Sua família nunca contara seus aniversários. Quinze, talvez? Ele sabia que já fazia quatro anos desde que fugira da casa do pai e da avó.

— Tenho idade o suficiente.

A resposta a divertira ainda mais.

— Idade o suficiente? Para fazer o quê?

— Acho que você não veio aqui para me repreender ou fazer perguntas.

— Por que, então? Para puni-lo?

— Não. — Anton manteve a voz firme. — Para me usar.

Ele se lembrou de como o líquido em seu copo cintilava como cobre enquanto ela tomava um gole lento.

— E qual é o melhor uso que posso fazer de você, Anton?

— Esta é uma casa clandestina de jogos, não é?

— Você está oferecendo seus serviços? — ela perguntara. — Seduzir homens ricos e bêbados, bancar o brinquedinho deles?

— Por quê? — ele retrucara, abrindo um sorriso. — Você não acha que eu seria bom nisso?

Ela dera uma risada ao ouvir aquilo, um som que o lembrava do *esha* da mulher, límpido como um sino.

— Acredito que esse seria um enorme desperdício das suas *habilidades*.

Anton sentiu um frio na espinha.

— Você está enganado. Eu não quero usá-lo, Anton. Eu quero ajudá-lo.

— Como? — Anton perguntara, sem acreditar nela por um segundo sequer. Ninguém ajudava ninguém sem obter alguma coisa

em troca. Os últimos quatro anos lhe ensinaram aquilo.

— Essa casa de jogos é só uma diversão — dissera ela com desdém. — Meu negócio de verdade é uma agência de cristalomania.

— Você é uma caçadora de recompensas.

Ela estalou a língua.

— Não gosto desse nome. Faz com que tudo pareça terrivelmente mercenário.

Caçar recompensas *era* um negócio mercenário. Aquele tipo de agência ganhava quantidades enormes de dinheiro usando a Graça da Visão para rastrear criminosos, prendê-los e pegar o dinheiro da recompensa para entregá-los a quem quer que fosse, policiais ou governantes que quisessem levá-los a julgamento. Mas também havia o dinheiro que ganhavam com casos de qualquer pessoa disposta a pagar para localizar alguém, criminosos ou não. Por um preço alto, um caçador de recompensas era capaz de encontrar qualquer pessoa desejada — pessoas que, como Anton, não queriam ser encontradas.

— E você está aqui para...? — Ele sentira um medo no fundo da barriga ao pensar que ela havia sido enviada para encontrá-lo. Sua avó era pobre e miserável demais para fazer negócios com aquela mulher elegante, cosmopolita e, ainda por cima, caçadora de recompensas. Mas havia outra pessoa que poderia fazer isso.

— Ninguém me deu o seu nome — ela dissera. — Mas agora estou curiosa para saber quem você acha que faria isso. Uma amante abandonada, talvez? Você parece ser do tipo que não toma muito cuidado com corações, a não ser o seu.

Os batimentos de Anton desaceleraram.

— Então por que você está me contando isso?

— Eu já disse que quero ajudá-lo. — Colocando seu copo na mesa, ela se inclinara para ele e dissera com a voz sedosa: — Eu sei

o que você é. Está na hora de parar de se esconder.

Aquele simples pensamento tinha acendido nele a vontade de sair correndo da casa clandestina.

Mas não foi o que ele fez. Não naquela noite.

Os músicos de lira de Tálassa estavam terminando a música quando ele retornou ao pátio com um jarro de vinho tinto de uma região próxima a Endarrion. Com o aplauso do público ao redor estalando em seus ouvidos, Anton serviu o vinho na taça de cristal.

— Sente-se — ordenou a Mulher Sem Nome, fazendo um gesto para a cadeira vazia a sua frente.

Anton se acomodou com as costas eretas enquanto o som de garfos arranhando pratos, conversas indistintas e as primeiras notas alegres de uma nova música preenchiavam o silêncio entre eles.

— Este lugar certamente é melhor do que as espeluncas onde já te encontrei antes — ela comentou em tom de aprovação. — Parece que você está se saindo muito bem. Um emprego, um teto sobre sua cabeça. Amigos que têm empregados em vez de prostitutas.

Ele deu de ombros. No papel, pelo menos, Anton era um membro funcional da sociedade.

Ela riu, girando o pulso e fazendo a luz refletir no vinho tinto em sua taça.

— Mesmo assim, é impossível negar que você está desperdiçando seus talentos.

Anton soltou o ar e quase riu.

— Vamos começar com isso de novo?

Ela era uma das quatro pessoas no mundo que sabia que Anton tinha a Graça da Visão. Fora ela, afinal de contas, que lhe dera a primeira lição de cristalomania, ensinando-o como se concentrar nas vibrações da energia sagrada ao seu redor, como usar um ímã em águas encantadas para procurar a frequência do *esha* específico de alguém. Sua primeira e única lição.

— Tenho um trabalho para você.

— Não estou interessado — ele respondeu imediatamente.

— Você ainda não ouviu do que se trata.

— Não importa — ele disse. — Você já sabe a minha resposta.

— Eu sei — ela concordou, tomando mais um gole de seu vinho.

— Mas esse não é um trabalho qualquer. Você é o único que pode fazê-lo.

A Graça da Visão era a mais rara das Graças, e até mesmo os que a possuíam tinham um limite para o que suas previsões podiam encontrar. Mas antes de dar a Anton sua primeira e única lição de cristalomania, ela dissera que vira nele a capacidade de grande poder — talvez até maior que o dela. Às vezes, ele achava que também conseguia sentir aquele poder. O modo como conseguia sentir o *esha* sem nem tentar, como sabia quando alguém era Agraciado ou não, como conseguia diferenciar facilmente as frequências. Era instintivo.

— Mas você sabe que eu *não consigo* fazer isso — Anton respondeu. — Você sabe desde aquele dia.

O dia em que ela tentara dominar a capacidade dele, e Anton acabara com os pulmões cheios de água, percebendo que seu poder trazia consigo a sombra de outra coisa — pesadelos que o levavam de volta ao passado que ele acreditava ter deixado para trás. Os pesadelos que apareciam sempre que Anton tentava usar sua Graça. A Mulher Sem Nome vira o que aquilo tinha feito com ele e o tirara das águas cristalomantes, observando seu esforço para conseguir respirar.

Foi então que ele começou a fugir novamente, mesmo sabendo que ela também era Agraciada e o encontraria de novo. E de novo. E de novo. Afinal de contas, era isso que ela fazia. Nos canais de Valletta, em Endarrion, nas cidades costeiras de Pelagos — e, agora, em Pallas Athos. Ele não tinha dúvidas de que ela o seguiria

pelas Seis Cidades Proféticas se fosse preciso. Àquela altura, as visitas da Mulher Sem Nome eram esperadas. Não era exatamente uma questão de confiança, mas, nos últimos anos, ela se tornara uma das únicas coisas com a qual Anton podia contar. Antes dela, a única invariável de sua vida era deixar tudo para trás.

Todas as vezes que ela o encontrava, fazia a mesma proposta: aprender a usar sua Graça. Todas as vezes, Anton dava a mesma resposta.

Desde aquele dia na fonte de cristalomancia, ele fez de tudo para construir um muro entre ele e sua Graça. Aprendera a controlar os pesadelos. Mas, no momento em que tentava usar o poder, eles mostravam os dentes de novo, como lobos sedentos de sangue.

A Mulher Sem Nome tomou outro gole de seu vinho.

— Um dia, Anton, você terá que superar esses seus medinhos tolos.

— Já terminou? Porque, por mais divertido que seja esse encontro, eu realmente preciso voltar ao trabalho. — Ele começou a se levantar, mas a mulher estendeu a mão e a pousou sobre a dele, fazendo-o parar.

— Eu ainda não terminei. — O tom dela mudou. Toda a provocação desapareceu. Seus olhos escuros se fixaram nos dele. — Você realmente acha que vim até a Cidade da Fé só para ouvir uma recusa?

Anton retorceu a mão que estava embaixo da dela.

— Então, se não é para um trabalho, por que você está aqui?

— É para um trabalho — ela retrucou. — *Você é o trabalho.*

Anton congelou. O que ele mais temia, a suspeita que sentira na primeira vez que a Mulher Sem Nome o encontrara, tornara-se realidade.

— Alguém lhe deu meu nome?

As pessoas da outra mesa começaram a rir, mas a atenção da mulher estava toda nele. Ela assentiu.

— Você sabe quem?

O coração de Anton bateu dolorosamente.

— Não.

— Você está mentindo.

A mão dele ficou molhada de suor, mas o resto de seu corpo estava gelado. Ela estava certa. Anton sabia exatamente quem tinha lhe dado seu nome. A única outra pessoa do mundo que o procuraria.

— Ah — disse a Mulher Sem Nome, por cima da borda da taça.

— Minha nossa. Você está com medo. Você está *aterrorizado*.

Anton contraiu o maxilar, sua respiração quente e acelerada conforme segurava a beirada da mesa.

— Você não pode permitir que ele saiba. Não pode contar onde estou. Por favor.

— Posso dizer que a informação dele estava errada — ela respondeu. — Ele sabe que só posso fazer o trabalho se o nome estiver certo. Vou simplesmente dizer que ele me deu o nome errado.

Anton negou com a cabeça.

— Não. Não faça isso. Ele vai saber que você está mentindo.

— Eu minto muito melhor do que você.

Uma sensação congelante queimou sua garganta.

— Não importa. Ele saberá.

— Se eu recusar esse trabalho, ele irá simplesmente contratar outra pessoa — ela disse, gentilmente. — Talvez já tenha até feito isso. A Agência de Cristalomania da sra. Tappan talvez seja a melhor, mas existem outros dispostos a enforcar a própria mãe para receber o dinheiro que ele ofereceu.

A mente de Anton tentou compreender o que ela estava dizendo. Aparentemente, o homem que o procurava tinha oferecido uma grande quantia de dinheiro — o suficiente para contratar uma caçadora de recompensas com a reputação de pegar apenas casos que ninguém conseguia resolver. Anton deveria estar surpreso, mas não estava. Apesar de sua origem humilde, aquele homem sempre soube como jogar para ganhar a melhor recompensa.

— Um deles *vai* encontrar você, Anton. Se é que já não encontraram.

Ele estava vivendo um pesadelo, com onze anos de idade, a água gelada entrando em seus pulmões enquanto mãos o seguravam embaixo da água escura.

Afastou-se da mesa com um movimento rígido.

— Anton. — A Mulher Sem Nome agarrou-o pelo pulso com uma força inesperada. — Existem pessoas que podem ajudá-lo... a resolver isso tudo. Você não precisa fugir de novo.

Ele mal conseguia ouvir as palavras da mulher sobre as batidas enlouquecidas do próprio coração. Livrando-se da mão dela, Anton correu pelo pátio, desviando-se dos garçons e clientes alegres e subindo pela escada que levava até o telhado. Ele subiu, a náusea crescendo como uma onda. Mas enquanto continuasse se movendo, subindo, ela não o alcançaria.

Não havia água.

Não havia gelo.

Apenas medo.

O ar cálido da noite o recebeu quando ele chegou ao telhado. Acima, iluminado pelo brilho de uma centena de fogueiras, o Templo de Pallas se erguia sobre o resto da cidade. Anton foi até a beira do telhado. O balaústre de mármore estava frio e sólido sob suas mãos quando ele olhou para além do pórtico de Tálassa, para a fonte e as oliveiras no centro da praça Elea. Para o pavimento

pálido e comprido da Estrada Sagrada que levava até o Templo de Pallas, passando pelos portões principais e descendo até a Cidade Baixa, onde as ruas eram mais estreitas e escuras, cheias de promessas e perigos.

Antes de conseguir seu minúsculo apartamento ali, Anton passara muitas noites dormindo em telhados e calhas, como um pássaro empoleirado. Lá de cima, ele conseguia ver tudo que acontecia na parte de baixo, e nada podia alcançá-lo.

Ele ainda tinha medo, mas o medo por si só não seria capaz de matá-lo.

Afinal de contas, era um sobrevivente. O homem que estava atrás dele, que dera seu nome à Mulher Sem Nome — Anton não o vira depois daquele dia, no gelo, a água tão fria e a escuridão o cercando. Às vezes, se sentia preso naquele pesadelo, na lembrança do que aquele homem tentara fazer.

Mas ele não era mais aquele garoto assustado e submerso. Deixara aquele garoto morrer.

## 4

### JUDE

O sol estava começando a se pôr sobre o forte de Cerameico enquanto Jude passava pela extensa sequência de *koah* aos pés da cachoeira mais alta do vale. Ele estava se equilibrando em uma perna só, sem esforço, seus braços abertos e se cruzando de forma fluida no ritmo de sua respiração. Aquela sequência de *koah* envolvia cinco elementos — equilíbrio, audição, visão, velocidade e foco. A rocha estreita não oferecia muito espaço para erro, mas era por isso que Jude gostava daquele lugar. Quando o foco estava em seu equilíbrio, seu corpo e sua Graça, todos os seus pensamentos se dissipavam como a névoa da manhã.

— Bem que pensei que fosse encontrá-lo aqui. — Uma voz se elevou sobre o som da água da cachoeira, perfeitamente clara para a audição intensificada pela Graça de Jude.

Ele terminou a quinta forma do *koah*, jogando todo seu peso para a frente, enquanto suas mãos formavam um triângulo diante de si. Voltou para a postura de descanso, seu olhar encontrando o outro Paladino parado na parte de baixo.

— Você me conhece muito bem.

Os olhos azuis de Penrose se iluminaram com um sorriso.

— Parece que seu Ano de Reflexão não o livrou dos velhos hábitos.

Ela falou em tom de brincadeira, mas Jude sentiu uma pontada de vergonha ao pensar na verdade por trás de suas palavras. Ele saltou da pedra e pousou levemente ao lado dela, na beira do lago.

— Eu já ia voltar.

— Você sempre vem aqui quando está nervoso — ela declarou enquanto os dois caminhavam de volta para o forte.

Jude ficou tenso. Ela realmente o conhecia bem demais.

— Não se preocupe, Jude — disse Penrose. — Qualquer um ficaria. Principalmente depois de tudo que aconteceu em Nazirah.

Ele engoliu em seco.

— A ameaça do Hierofante é inegável agora. Antes de eu partir para o meu Ano de Reflexão, as Testemunhas não passavam de um pequeno grupo de radicais. Ou era o que eu pensava.

— Quando eles estavam morando no deserto de Seti, não tínhamos como saber quantas pessoas haviam se juntado ao Hierofante — concordou Penrose.

Alguns anos antes, as Testemunhas e seu líder mascarado tinham ido morar em um templo abandonado no meio do deserto de Seti — um templo ainda mais antigo que os Profetas. Era uma das poucas construções remanescentes de uma religião antiga, quando as pessoas cultuavam um deus único e todo-poderoso da criação.

A Ordem da Última Luz estava monitorando as atividades do Hierofante e os boatos sobre ele. Um dos rumores dizia que o Hierofante fora um acólito que renunciara os Profetas e começara a pregar contra eles. Outro dizia que ele tinha convencido um esquadrão inteiro de soldados heratianos Agraciados a usar suas espadas uns contra os outros. De acordo com seus discípulos mais fervorosos, o Hierofante era tão íntegro e tão puro que os Agraciados perdiam todos os poderes simplesmente ao estar no mesmo aposento que ele.

Jude e o restante da Ordem duvidavam muito que tais boatos fossem verdadeiros, mas eles demonstravam a natureza poderosa dos seguidores do Hierofante. Ele não era simplesmente um homem com ideias perigosas — ele se *transformara* em uma ideia, uma

nova imagem para ser cultuada e seguida agora que os Profetas haviam partido.

— Nenhum de nós acreditou que eles tomariam uma das Seis Cidades Proféticas — continuou Penrose. — Nós subestimamos a crença fervorosa de seus seguidores nas mentiras que ele conta.

— “O enganador enreda o mundo em mentiras” — Jude recitou.

— “E os ímpios caem sob a mão pálida da morte” — continuou Penrose. — Os corpos encontrados com a marca da mão branca provam isso. Os dois primeiros arautos estão aqui. A Era da Escuridão está chegando.

— Então como este pode ser o momento certo para eu me tornar o Guardião?

Ele não tinha a intenção de fazer a pergunta em voz alta, mas esse pensamento não saía da sua cabeça desde o momento em que voltara para Cerameico. Mas assim que perguntou, soube que precisava de uma resposta.

— Dois dos três arautos chegaram. Não é só de um aviso do que está por vir. Um deles, ou todos, pode trazer a Era da Escuridão. Precisamos encontrar o Último Profeta antes que isso aconteça. E deveria ser o meu pai. Não eu. Não *agora*.

— Ou talvez seja exatamente por isso que seu pai quer fazer agora — retrucou Penrose. — O tempo está se esgotando. Nossos acólitos estão procurando pelos sinais, mas nós ainda não recebemos nenhuma notícia da nossa rede de cristalomancia. Talvez seu pai esteja desesperado o suficiente para tentar uma nova abordagem.

Eles subiram a colina. Abaixo, as torres em espiral do Forte de Cerameico cortavam bolsões de névoa presos pelas montanhas ao redor. Cachoeiras fluíam pela superfície de uma garganta estreita, passando pelos arcos delgados das pontes e passadiços da fortaleza.

Jude olhou para seu lar, pensando nas palavras de Penrose.

— Você acha que o meu pai quer que eu deixe Cerameico? Para que eu tente encontrar o Profeta?

Com exceção do Ano de Reflexão, quando o herdeiro do Guardião da Palavra se recolhia, sozinho, nas Montanhas de Gallian para afirmar sua fé e seu compromisso para com os Sete Profetas, os Paladinos não saíam do forte de Cerameico havia cem anos. Mas o desespero da Ordem para encontrar o Último Profeta era cada vez maior. Talvez a única forma de fazer isso fosse que Jude e sua Guarda, assim que ele a escolhesse, saíssem de Cerameico em busca do Profeta.

— É com isso que você está preocupado? — perguntou Penrose.  
— Em deixar Cerameico?

— Não. — Sua preocupação era deixar Cerameico em busca do Último Profeta e fracassar. Porque, apesar do que Penrose dissera sobre ser a hora certa e sobre suas dúvidas serem esperadas, ele sabia que ela estava errada. Suas dúvidas não tinham começado quando descobrira que Nazirah havia sido tomada nem quando ouvira sobre os assassinatos da Mão Pálida.

Elas começaram quando Jude tinha dezesseis anos e percebeu que havia coisas que ele queria e que um Guardião da Palavra jamais poderia ter. Quando sentira pela primeira vez aquela dor que o pressionava em momentos silenciosos e solitários. Quando Jude fechava os olhos, desesperado pelo calor de outra pessoa, pelo toque de outra pele. Um Guardião não deveria desejar a pele, o calor e a respiração de outra pessoa, mas Jude desejava. E nada, nem todo seu treinamento, o Ano de Reflexão, a oração desesperada aos Profetas de outrora, mudara aquele desejo.

Eles cruzaram a ponte que levava ao forte. Acima, pranchas finas de madeira ligavam os leitos do rio. Sobre elas, Paladinos se equilibravam, suas silhuetas contornadas pela névoa que se levantava com as cachoeiras. Cada um deles carregava um longo

bastão, que era usado para defesa, bloqueio e ataque. Alguns estavam empoleirados quase nos pontos mais altos da torre, e outros mal acima da água. Cair de uma das pranchas significaria morte certa, mas a Graça do Coração fazia os pés dos Paladinos firmes e certos, capazes de saltar de uma prancha para outra em uma dança perigosa.

— Então é com a escolha da Guarda amanhã? — Penrose perguntou. Sua voz de repente assumiu um tom mais urgente. — Você já sabe quem vai escolher, não sabe?

A primeira obrigação crucial do Guardião era escolher os seis outros Paladinos que serviriam ao seu lado. A guarda faria um juramento especial que os obrigaria a servir ao lado de Jude pelo resto da vida. Ser escolhido como membro da Guarda — servir como conselheiro e companheiro do Guardião — era a maior das honras para um Paladino. Era, também, uma grande responsabilidade. Quebrar o juramento da Guarda Paladina significava mais do que o exílio: significava a morte.

— Preocupada que eu não escolha você? — Jude provocou.

Ele sempre soube que Penrose seria uma entre os seis escolhidos. Ela o conhecia desde que ele nasceu, e, embora Jude tivesse sido criado e treinado por diversos servos e Paladinos ao longo dos anos, ela era a pessoa de quem era mais próximo. Ela o ensinara a controlar sua Graça, orientando-o no treinamento de *koah* quando ele ainda era bem novo. Não havia família na Ordem da Última Luz, mas, se houvesse, Penrose seria a dele.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse Penrose, ainda com o tom de urgência. — Eu não vim te procurar para ver como você está. Eu vim te contar uma coisa.

A audição aprimorada pela Graça fez Jude ouvir as batidas aceleradas do coração dela. A preocupação cresceu em seu próprio peito.

— Sobre a escolha da Guarda?

— Só quero garantir que, quando a hora chegar, você fará a melhor escolha. Que não vai permitir que seu julgamento seja influenciado por...

Jude não ouviu o que ela disse em seguida. Escutou um som e sentiu um movimento atrás de si. Mais rápido que o pensamento, ele saltou para o lado para evitar o golpe que vinha em sua direção. Um lampejo de movimento do atacante foi tudo que ele viu, mas foi mais que o suficiente. Usando seus reflexos aprimorados pela Graça, Jude usou o pilar da ponte como alavanca e saltou sobre o desconhecido. Enterrando os calcanhares no chão, ele estendeu o braço para trás e acertou um soco no peito do outro homem.

Com um gemido, o atacante caiu no chão.

— Bem, acho que você não perdeu completamente seus reflexos na minha ausência.

O reconhecimento o cortou como uma faca quando Jude olhou para a pessoa aos seus pés. Hector Navarro não era mais o garoto franzino que tinha sido criado com ele. Seus ombros e tórax tinham ficado largos sobre a cintura fina e as pernas musculosas. Uma sombra de pelos cobria o maxilar que ficara mais definido com o tempo. Mas o sorriso irritante e convencido que tinha provocado inúmeras brigas com os outros jovens na Ordem continuava ali.

O sorriso que Jude não via fazia mais de um ano. O sorriso que não sabia se voltaria a ver.

— Você está aqui — disse Jude com voz fraca. Era isso, ele percebeu, que Penrose estava ensaiando lhe dizer.

Mas antes que pudesse falar ou fazer qualquer outra coisa, além de se deleitar com a visão do amigo, Hector saltou e girou para ficar cara a cara com Jude. Então eles começaram a lutar de novo — soco atrás de soco, a velocidade e a força da Graça se enfrentando

em uma coreografia coordenada que tinham aprendido um com o outro, anos antes.

Jude riu enquanto desviava do punho de Hector e passava a perna por baixo dele. Hector saltou no momento exato, prevendo o movimento de Jude antes mesmo que ele soubesse. Os movimentos ágeis deram lugar a uma lutinha com socos de brincadeira, então eles se abraçaram de forma desajeitada, entre empurrões.

— Eu não entendo — disse Jude, sua voz leve por causa da adrenalina e do riso, além do peso da enorme mão de Hector em seu pescoço. — Quando voltei do meu Ano de Reflexão, você tinha partido. Os outros disseram que você tinha ido embora, que tinha decidido não prestar o juramento.

Ele não acrescentou que nenhum deles ficara surpreso com isso. Hector estava sob a tutela da Ordem desde os treze anos, e sua amizade com Jude fora tão inevitável quanto improvável. Mesmo quando ainda era um menino, Jude se esforçara para preservar as virtudes incutidas em si pela Ordem, ao passo que Hector era mais agitado e problemático. Enquanto Jude adorava passar as manhãs em silêncio contemplativo, treinando por horas a fio e demonstrando sua devoção aos Profetas, Hector nunca pareceu adepto à vida regimentada de um Paladino.

Embora ele sempre tivesse dito que assumiria o manto da Ordem da Última Luz, parte de Jude nunca acreditara.

Mas agora Hector estava ali. Ele tinha *voltado*.

— Mudei de ideia — Hector revelou. Como se fosse simples assim. Seus lábios se abriram em um sorriso leve e debochado, o tipo de sorriso que usava para convencer Jude a seguir seus planos e travessuras, mesmo sabendo que não devia. — Achei que, se Jude Weatherbourne acreditava em mim, eu tinha que fazer jus a isso.

Jude o empurrou de novo e Hector abaixou a cabeça. Eles logo recomeçaram a brincadeira juvenil. Mas era *bom* estar com Hector

novamente, depois de todo aquele tempo. Como se todas as preocupações com as Testemunhas, a Mão Pálida e o Profeta pudessem ser tiradas de seus ombros pelas mãos habilidosas dele.

— Penrose, diga a Jude que ele precisa aprender a lutar antes de se tornar um Guardião da Palavra! — Hector exclamou com a respiração pesada, rindo.

Jude olhou para Penrose e percebeu que ela não estava mais os observando com seu olhar treinado de vaga desaprovação. Em vez disso, ela estava ereta, com os ombros empertigados e olhando fixamente para algo atrás dele.

Jude não precisou seguir o olhar dela para saber que seu pai tinha chegado.

Ele se afastou de Hector e parou ao lado da amiga.

— Filho — disse o capitão Weatherbourne.

— Capitão Weatherbourne — Jude respondeu, um pouco ofegante por causa da luta.

Toda a alegria do reencontro desapareceu sob o olhar de seu pai. Theron Weatherbourne continuava tão intimidador quanto fora na infância do filho. Ele tinha o mesmo rosto de pedra, mas seu cabelo adquirira um tom grisalho no último ano. Assim como Penrose e Jude, o homem usava um manto azul-escuro sobre o peito largo, preso em um ombro por um broche no formato de estrela de sete pontas transpassada por uma espada. Um cordão de ouro envolvia sua nuca, preso ao colarinho.

— Vejo que já foi informado sobre o retorno de Navarro. — Ele fez um gesto com a cabeça em direção a Hector.

— Senhor — disse Hector, curvando a cabeça e levando a mão ao peito.

— Venha, Jude — disse o capitão Weatherbourne. — Temos um assunto para discutir.

Jude sentiu a apreensão crescer em seu peito enquanto o capitão Weatherbourne se afastava. Era raro seu pai o procurar daquela forma. O relacionamento deles era baseado no dever, em vez de afeto. O juramento paladino proibia que tivessem filhos, a não ser pelo Guardião da Palavra, cujo dever era realizar o Ritual da União Sagrada para produzir um herdeiro. A criação de Jude fora feita principalmente pelas mãos dos criados da Ordem e de Paladinos, como Penrose.

O capitão Weatherbourne manteve um ritmo acelerado enquanto conduzia Jude por um caminho íngreme que serpenteava todo o forte, passando por arcos ornamentados que imitavam as curvas suaves das árvores que se estendiam sobre eles.

— É sobre Hector? — Jude perguntou, lembrando-se das palavras de aviso de Penrose. Estava claro que ela achava que Jude escolheria o amigo para servir na Guarda Paladina... e que ela não aprovava tal escolha. O pai provavelmente pensava o mesmo.

— Não — o capitão Weatherbourne respondeu. — Mas o fato de você achar que um criado errante da Ordem deva ser sua maior preocupação na noite de sua cerimônia me faz pensar que talvez seja necessário discutirmos o assunto.

Jude baixou o olhar, constrangido.

— Hector não disse a ninguém por que deixou a Ordem — continuou o capitão Weatherbourne. — Nem o porquê de sua volta. Muito menos o que fez enquanto esteve longe.

Jude sabia que havia muitas perguntas sem respostas sobre Hector, mas não podia negar que vê-lo no Forte de Cerameico trouxera uma onda de alívio.

— Eu confio nele — declarou Jude em voz baixa. — Seja lá o que estivesse fazendo, seja já o que precisasse resolver, ele voltou.

*Ele voltou para mim.*

O capitão Weatherbourne olhou para ele enquanto cruzavam outra ponte delgada, passando pela névoa de uma cachoeira. Uma luz se rompeu entre eles quando Jude encontrou seu olhar. No dia seguinte, tomaria o lugar do pai como Guardiã da Palavra. Se estivesse pronto, verdadeiramente pronto, então isso significava que suas decisões, seu julgamento, tinham que ser confiáveis. Incluindo seu julgamento sobre Hector.

O homem balançou a cabeça.

— Todos nós fazemos o mesmo juramento. De abrir mão dos desejos mundanos. De servir os Profetas acima de tudo. Acima da nossa própria vida. Acima do nosso coração.

— Eu sei — Jude respondeu. — Se Hector está aqui, significa que ele está pronto para fazer isso. Eu sei disso. Ele não brincaria com esse assunto.

— Não estou falando de Hector.

Jude sentiu o rosto esquentar. A vergonha o deixou vulnerável, expondo suas partes mais delicadas e frágeis.

— Mesmo quando vocês eram crianças, estava nítido que tinham uma ligação — declarou o capitão Weatherbourne. — Você mantinha distância dos outros pupilos, mas não dele.

A boca de Jude ficou seca.

— Você... Você nunca disse nada. Você nunca...

— Você não é o primeiro Paladino, nem mesmo o primeiro Guardiã da Palavra, a se apegar a alguém. É para isso que serve o Ano da Reflexão, afinal. Para superar todas as suas dúvidas. Então, você superou?

Jude não sabia como responder.

— Diga-me — disse o capitão Weatherbourne. — Quem ele vai substituir?

— O que o senhor quer dizer?

— Você já sabe quem vai escolher para a Guarda amanhã — o pai explicou. — Eu te conheço. Você já sabe desde que voltou das montanhas. Diga-me, qual dos seis nomes você vai tirar da lista para colocar o de Navarro?

Jude ficou em silêncio por um longo tempo.

— Nenhum deles — respondeu, por fim.

— Então você tem sua resposta.

O rio trovejava embaixo deles enquanto cruzavam uma rocha alta e saliente sobre a qual o Templo dos Profetas se erguia. A água fluía por cada parte da rotunda da construção, escorrendo pela parte da frente do rochedo. Eles subiram a escada que levava à entrada do templo. No arco principal, pararam para mergulhar os dedos nas tigelas com óleo consagrado e se untaram antes de passar pela porta.

Havia sete arcos abertos nas paredes do templo, cercando um santuário dominado por um grande lago de pedra no formato de uma estrela de sete pontas. Em volta do lago, degraus de mármore levavam a um pálido altar prateado. As paredes do templo se erguiam, altas, revestidas de pedras cinza-ardósia, verde-tempestivo, vermelho-profundo e preto-intenso, algumas pequenas como pupilas e outras chegando ao tamanho do punho de Jude. Elas brilhavam sobre ele como milhares de olhos feitos de joias. As pedras do oráculo.

Havia cópias escritas das profecias em todas as bibliotecas do mundo, mas apenas o Templo dos Profetas continha as verdadeiras pedras do oráculo. Cada uma das pedras tinha sido incrustada em uma fonte de cristalomancia por um dos Profetas, preservando suas visões do futuro. Às vezes, essas visões vinham como sonhos; em outras, por meio de um transe profético. As pedras do oráculo continham o registro das profecias que davam forma ao curso da civilização e guiavam o povo por tempos turbulentos e de guerra.

Os membros da Ordem da Última Luz eram os confiáveis guardiões dessas profecias, mesmo agora, cem anos depois do desaparecimento dos Sete Profetas. Mesmo agora que todas as profecias tinham se realizado.

Todas, menos uma.

— Amanhã é um dia importante, Jude. Agora, mais do que nunca, você não pode se distrair — declarou o capitão Weatherbourne, subindo os degraus até o altar que ficava acima das águas encantadas. Ele ergueu uma caixa de prata que estava sobre o altar e voltou para perto de Jude. O homem estendeu a caixa e o filho, hesitante, a abriu.

Uma pedra lustrosa e perolada brilhou levemente lá dentro. Era maior que o punho de Jude e estava envolta por complexas espirais. Uma grande fenda a marcava, quase partindo-a ao meio.

Jude tocou a pedra com reverência. Aquela era a última pedra do oráculo que os Profetas criaram. Ela continha a última profecia. A profecia que a Ordem da Última Luz manteve em segredo durante um século. A profecia que ainda estava incompleta.

— A profecia está se desdobrando — disse o capitão Weatherbourne. — Os arautos vieram. A Era da Escuridão está quase chegando. Se não encontrarmos o Último Profeta em breve... — Ele não precisou concluir o pensamento.

Jude afastou o olhar da pedra do oráculo e se concentrou no rosto do pai.

— Você é o Guardião da Palavra, pai. Se a profecia ainda está se desdobrando, se a Era da Escuridão se aproxima, eles precisam de você. Quando encontrarmos o Profeta, ele precisará de alguém com mais experiência, com mais conhecimento, alguém...

— Chega — interrompeu ele. — Eu sou o Guardião da Palavra há trinta e três anos. Protegi o segredo da última profecia, assim como

os Guardiões que vieram antes de mim. Mas meu dever nunca foi brandir a Espada do Pináculo para proteger o Último Profeta.

— Eu não entendo.

— Minha missão está concluída — disse o capitão Weatherbourne, seus olhos brilhando com alguma emoção que Jude nunca vira antes. — Eu produzi o herdeiro da linhagem Weatherbourne. Você, Jude. É você que está destinado a proteger o Último Profeta. Eu soube naquele dia, dezesseis anos atrás, quando o céu se iluminou.

Jude estremeceu. Ele também se lembrava daquele dia. Ainda se lembrava do vento frio fustigando seu rosto e de como se sentira pequeno na sombra dos monólitos. E, lá em cima, o céu iluminado como uma gloriosa chama, com faixas violetas, vermelhas e douradas cruzando o espaço, sua dança luminosa atraindo a Terra abaixo. Para os que conheciam o segredo da última profecia, aquele dia significara promessa e esperança. A promessa de que o Último Profeta chegara para concluir a última profecia e lhes mostrar como impedir a Era da Escuridão.

Naquele momento, Jude soubera, com uma certeza que ainda o surpreendia, que aquela coisa brilhante, imensa e envolvente estava clamando por ele.

— Você era só uma criança — seu pai continuou. — Mas foi ali que eu soube. Era como se o Profeta estivesse esperando por você. Quando ele finalmente chegou, o *esha* dele chamou por você. É você que deve ser o Guardião dele, mantê-lo em segurança para que ele possa salvar todos nós.

Jude se sentiu paralisado. Seu pai acreditava nele. Assim como a Ordem. *Todos sabem que você está destinado a grandes feitos*, Hector costumava dizer. Aquilo devia tê-lo deixado orgulhoso. Mas era como se ele estivesse escalando uma torre enorme durante toda a sua vida, em direção a um farol de luz, um passo após o outro, e

agora que seu destino estava ao seu alcance o farol tivesse se apagado diante dos seus olhos, deixando apenas o abismo negro do desconhecido.

— Foi isso que eu vim dizer a você, filho — seu pai declarou. O rosto dele estava radiante com luz e esperança. — Depois de dezesseis anos, nossa busca acabou. O Último Profeta foi encontrado.

# 5

## HASSAN

Depois de quase não chegar a tempo para o jantar, após sua primeira aventura até a ágora, Hassan não conseguiu parar de pensar no que tinha acontecido — as Testemunhas, o acólito heratiano que talvez o tivesse reconhecido e, acima de tudo, a Legionária acima dele nos degraus do templo, como uma heroína profética de alguma história, empunhando sua espada de lâmina curva.

Ele sabia que precisava voltar e, quando fizesse isso, queria mais do que uma ou duas horas roubadas.

A oportunidade chegou logo no dia seguinte.

— Não fique chateado, Hassan, mas eu vou jantar fora hoje à noite.

Hassan ergueu os olhos do livro *A história das seis cidades proféticas* e se deparou com a tia parada na grande porta que dava para a varanda. Lethia Siskos era a irmã mais velha de seu pai, embora houvesse pouca semelhança entre os dois. Lethia era uma mulher alta e magra, cujo rosto sério e enrugado contrastava com os traços mais calorosos e suaves do irmão. Mas os dois tinham olhos com o mesmo tom de verde dos rios — e, quando Lethia pousava o olhar em Hassan, era quase como se o pai o estivesse vigiando.

Lethia se casara com o antigo Arconte Soberano de Pallas Athos bem antes de Hassan nascer, mas ela e seus dois filhos visitavam o Palácio de Herat com frequência quando ele era pequeno. Hassan



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

manter a população satisfeita o suficiente para não reclamarem da ganância deles.

— Nesse caso, o Arconte deveria puni-los — retrucou Hassan. Era isso que *ele* faria, se estivesse em Herat. A corrupção crescia em todas as cidades, por todos os lugares, e a única forma de acabar com ela era remover aqueles que abusassem do próprio poder. — Ele deveria demitir os piores criminosos de seus cargos. E, ao fazer isso, deveria confiscar os bens dos criminosos e usar para alimentar os refugiados.

— Você falou como um verdadeiro príncipe — disse Lethia. — Mas Pallas Athos não é Herat. O Arconte Soberano não tem o poder de tirar os sacerdotes das suas posições. Eles foram originalmente escolhidos pelo próprio Pallas.

— Mas Pallas não está mais aqui. Nenhum dos Profetas está.

— E os sacerdotes afirmam que os escolhidos de Pallas são responsáveis por escolher os próprios sucessores, depois que os Profetas desapareceram.

— A receita perfeita para a corrupção — comentou Hassan com amargura. Aqueles que abusavam do poder continuariam o ciclo vicioso, recompensando aqueles que os colocaram no poder.

— Pedi várias vezes ao meu marido para contestar esse método, antes de ele morrer. Para criar um novo sistema enquanto ainda era o Arconte — Lethia revelou. — Ele nunca me ouviu, assim como todas as vezes em que tentei aconselhá-lo. A corrupção dos sacerdotes está entranhada na cidade. Eles farão qualquer coisa para manter o poder, por mais fútil que isso seja.

Hassan sentiu seu estômago revirar. Ele sabia, quando chegou àquela cidade, que os sacerdotes eram corruptos e que só pensavam neles mesmos, e que o Arconte Soberano no poder não passava de um fantoche ineficaz. Fora um tolo ao acreditar que o ajudariam.

— Será que os sacerdotes não percebem que as Testemunhas são uma ameaça para eles? — Hassan perguntou, sua raiva crescendo. — Se as Testemunhas conseguirem se manter em Nazirah, as outras cidades serão as próximas. Eles já estão agindo de forma bem violenta aqui mesmo, nas ruas desta cidade.

— E como é que você sabe disso, príncipe Hassan?

— Eu... — Ele parou de falar, percebendo que, se quisesse manter sua visita à ágora em segredo, deveria ter cuidado com suas palavras. — Eu ouço a conversa dos criados. Eles estão preocupados com o que está acontecendo aqui em Pallas Athos. As Testemunhas queimaram um santuário algumas semanas atrás, na Cidade Baixa. Eles foram vistos ontem mesmo do lado de fora do Templo de Pallas.

Lethia o olhou atentamente, e então suspirou.

— Sei como você está preocupado com tudo isso, Hassan. E eu concordo com você. Claro que concordo. Nazirah é a minha cidade também, mesmo que eu tenha morado lá três décadas atrás. Sei como está preocupado com seus pais. Eu também me preocupo com meu irmão e com a rainha.

Hassan estava fervendo de raiva, mais de si mesmo do que do Arconte.

— Deve ter alguma coisa que eu possa fazer. Alguma coisa para convencê-los, para convencer qualquer pessoa a ajudar o meu povo. Eu me sinto tão... inútil.

Ele passou os dedos por cima do bolso da camisa, onde estava a bússola que seu pai lhe dera, bem perto do coração. Seu pai era a única pessoa que nunca duvidara, nem por um segundo, que Hassan seria capaz de governar um dia. Pensar na fé que seu pai depositava nele fez um amargor lhe subir pela garganta.

— Meu pai nunca deveria ter me nomeado seu herdeiro.

A voz de Lethia ficou mais suave enquanto se aproximava.

— O que as Testemunhas fizeram não foi sua culpa.

— Mas eu não fui capaz de impedi-los.

— E se você fosse Agraciado, teria conseguido?

Ele não respondeu. Sua tia estava certa, é claro. Os Agraciados eram poderosos, mas não eram invencíveis. Ser Agraciado não impediu que seus pais fossem capturados. Os Agraciados tinham poder, sim, mas também era por isso que as Testemunhas queriam acabar com eles. E se os boatos sobre a capacidade do Hierofante de bloquear as Graças fossem verdadeiros, não teriam como se proteger. Hassan sentiu um medo enorme ao pensar nisso.

Lethia afastou o olhar dele.

— Você deveria ficar feliz, príncipe Hassan, por seu pai não lhe ter negado seu direito de nascença.

As palavras pairaram entre eles. Como primogênita da rainha de Herat, Lethia deveria ter sido a herdeira na linha de sucessão para o trono, quando sua mãe morreu. Mas assim como Hassan, Lethia não era Agraciada. Em vez de ser nomeada rainha, Lethia foi obrigada a se casar com o velho Arconte Soberano de Pallas Athos. Um homem que, pelo que Hassan sabia, nunca tinha se importado muito com a esposa ou com suas consideráveis habilidades políticas. Quando ele morreu, seu título não passou para os filhos de Lethia, já que eles também não eram Agraciados.

— Uma vez eu perguntei para minha mãe se ela considerara, alguma vez, me nomear sua herdeira — Lethia disse. — E ela só respondeu que o dia mais feliz da vida dela foi quando a Graça do seu pai se manifestou.

Hassan engoliu em seco, sem saber o que dizer. Lethia não se tornara rainha de Herat só porque não era Agraciada. Agora, apesar de ele também não ser, Hassan era o herdeiro.

— Acho que eu não deveria ser tão dura com ela — continuou Lethia. — Minha mãe foi criada naquelas décadas tumultuadas logo

depois que os Profetas desapareceram, quando as pessoas temiam se afastar de qualquer tradição. Mas, agora, as coisas estão começando a mudar. Você é a prova disso.

Hassan fez que não com a cabeça.

— Eu não mereço esse direito de nascença se não consigo fazer nada para ajudar o meu povo.

— Eu também gostaria de poder fazer mais. Vou falar com o Arconte novamente hoje à noite, mas não tenho muitas esperanças.

Hassan fechou os olhos.

— Obrigado por tentar.

Ela passou a mão no ombro dele e se virou para descer a escada que levava ao pátio central.

Hassan voltou para dentro, sua mente retornando para a ágora e para as condições que tinha visto nos campos de refugiados. Talvez ele ainda não pudesse fazer nada por seu povo, mas poderia fazer algo para os que estavam ali.

— Vou passar a noite na biblioteca — anunciou para os criados na sala de estar. — Não quero ser interrompido. Podem deixar o meu jantar aqui.

Felizmente, os criados já tinham se acostumado com ele àquela altura e sabiam que não era incomum que se trancasse na biblioteca por horas a fio. Era como ele passava a maior parte do seu tempo em Nazirah também — enterrado nas histórias das Seis Cidades Proféticas, aprendendo ao máximo tudo que podia sobre os recursos do seu país, sobre guerra e diplomacia —, até já ter lido mais do que seus tutores da Grande Biblioteca.

Mas agora Hassan estava cansado de tentar se armar com histórias e fatos. Ele queria *agir*. Então, pegando um livro na biblioteca, saiu para a varanda e se sentou ao sol no jardim. Quando teve certeza de que os criados tinham se afastado, foi até a

parte mais baixa do muro do jardim e o pulou, saindo do terreno da *villa*.

Estava se tornando perito em fugir escondido.

Os refugiados ignoraram totalmente a presença de Hassan enquanto ele entrava na ágora, cada um cuidando dos próprios assuntos com uma resignação sombria. Ele passou por uma longa fila de pessoas esperando para pegar água de uma fonte, vendo crianças com cerca de seis e sete anos carregando jarros até suas barracas, muitas descalças. Nuvens de poeira deixavam o ar pesado enquanto grupos de mulheres batiam na lona de suas barracas com varas. Outra mulher tentava tirar a sujeira de seu próprio abrigo com a vassoura, carregando um bebê nas costas.

O som de madeira batendo contra madeira atravessou a barulheira. O olhar de Hassan foi atraído para uma arena aberta cercada de colunas caindo aos pedaços, onde um grupo de pessoas assistia a três pares de lutadores.

Os olhos de Hassan se concentraram no último par — um deles era a mesma Legionária que o salvara das Testemunhas no templo. Em vez da espada heratiana de lâmina curva, ela brandia uma espada de madeira para treinamento que parecia ter sido entalhada em um galho de oliveira.

— Proteja o lado esquerdo, Faran! — gritou um espectador para o oponente dela, enquanto a Legionária dava um golpe certo.

O oponente gemeu, ajustando os movimentos de acordo com a orientação. A Legionária fingiu ir para a esquerda novamente, e então o golpeou pela direita. Depois de mais alguns ataques, ela o desarmou e ele caiu de costas no chão.

— Acabamos — a garota declarou, ajudando o oponente a se levantar antes de jogar a espada de treino para ele. — Da próxima

vez, segure bem sua arma.

Seus olhos se afastaram do oponente e pousaram em Hassan, que estava atrás dele.

— Você voltou — disse ela, inclinando a cabeça. — Como está o braço?

— Está bem. — Seus olhos fizeram com que ele se sentisse uma mosca presa no mel. Ela não era bonita como as filhas delicadas da corte, nem sedutora como as dançarinas heratianas. Ela era *instigante*. Com um maxilar definido e musculoso, ela emanava força; não uma força apenas física, mas espiritual também, uma confiança que Hassan achava intimidadora.

— Qual é mesmo o seu nome? — ela perguntou. Algumas mechas de cabelo tinham se soltado do coque e caíam sobre suas bochechas.

— Hum... Cirion. — Despreparado para dar um nome que não era o seu, Hassan acabou escolhendo o primeiro que lhe veio à mente: o nome de seu primo, filho mais velho de Lethia.

— E você está aqui para procurar confusão, Cirion? Não tem matéria suficiente para estudar?

Hassan quase se esqueceu de que tinha falado que estudava em Academo.

— Acho que não.

— Ou talvez você queira uma aula — ela continuou, com um tom malicioso.

— Aula?

— Isso. Estou treinando os outros refugiados. As Sentinelas têm sido praticamente inúteis para manter o acampamento em segurança, então nós decidimos assumir a responsabilidade.

— Ah — disse Hassan. — Bem, acho que eu não deveria...

— Ah, vamos lá — ela insistiu, cutucando o ombro dele. — Se você vai nos interromper, pode pelo menos aprender alguma coisa.

Talvez assim da próxima vez eu não precise salvá-lo.

Uma risada escapou dos lábios de Hassan. Ninguém nunca falava assim com ele no palácio.

— Ah, não sei, não.

— O que pode dar errado? — ela provocou. — Vou pegar leve com você.

Ele não conseguiu resistir ao brilho confiante nos olhos dela.

— Está bem. Desde que você pegue leve.

Ela se afastou, olhando-o por cima do ombro com um sorriso.

— Meu nome é Khepri, aliás.

Ele a seguiu enquanto passavam por duas duplas de refugiados em treinamento, onde havia uma prateleira com espadas de madeira. Ela pegou uma e jogou a outra para Hassan.

Ele a pegou com uma das mãos e viu o brilho de surpresa nos olhos da garota.

Os dois se posicionaram entre as outras duplas de lutadores na arena. A expressão de Khepri era de determinação confiante quando ela se afastou e assumiu uma postura defensiva, convidando Hassan a fazer o primeiro ataque.

Hassan sentiu um sorriso se abrir em seu rosto quando assumiu a posição de ataque. Já fazia um tempo desde a última vez que treinara, mas era bom usar seu corpo daquele jeito. Mesmo que não tivesse a Graça do Coração, ele sempre gostara da estratégia e da força se unindo em prol de uma causa comum. Sua mãe o ensinara bem a se defender em uma luta de espadas contra qualquer pessoa sem a Graça do Coração.

Na maioria dos dias, ele fazia de tudo para não pensar em onde estava sua mãe ou no que estaria acontecendo com ela como prisioneira do Hierofante. Mas se os treinos tinham lhe ensinado alguma coisa, era que sua mãe era uma lutadora. Onde quer que estivesse, estaria lutando.

— Não vou usar *koahs* — Khepri avisou.

— Justo.

Assim, ela não teria a vantagem esmagadora da força, da velocidade e dos sentidos aprimorados de uma Agraciada.

Khepri riu.

— Ah, não será *justo*. Mas talvez seja um pouco mais interessante.

Hassan desferiu o primeiro golpe, uma pancada forte na base, enquanto mantinha sua guarda firme. Era um teste — queria ver como ela reagiria.

Ela se desviou e então, passando por baixo da espada dele, contra-atacou. Hassan defendeu — e viu outro brilho de surpresa nos olhos de Khepri.

— Você mentiu! — ela exclamou, parecendo encantada. — Você não é um estudioso de mãos macias. Você já lutou.

— Nem todos os estudiosos têm mãos macias — respondeu Hassan, enxugando o suor da testa.

Ela atacou novamente, mais rápido que antes. A força do impacto empurrou Hassan para trás, fazendo-o se desequilibrar.

Khepri não hesitou. Ela atacou mais uma vez, aproveitando a vantagem. Hassan se afastou com um giro, suas espadas de madeira vibrando. Eles se separaram, recuperando o centro. Khepri não pareceu chateada pelo fracasso de seu golpe. Na verdade, ela parecia feliz, e Hassan teve a sensação de que a garota estava apenas começando.

Ele partiu para cima dela e atacou novamente, a espada de Khepri encontrando a dele enquanto seus olhares se mantinham fixos um no outro. Estava começando a sentir o estímulo da competição correr em suas veias. Queria impressioná-la, mostrar a ela que era capaz de acompanhar o ritmo. Eles trocaram alguns golpes, ataques e reações, as espadas girando e batendo em ritmo

constante. Hassan sentia a euforia correr pelo corpo. Mas, mesmo enquanto defendia todos os golpes dela, conseguia ver que Khepri estava só se divertindo. Brincando com ele, até. Subestimando-o.

Não podia aceitar aquilo. Com o ataque seguinte, ele a fez andar para trás e fingiu tropeçar na direção dela. Quando Khepri aproveitou a vantagem do aparente erro, Hassan deu um passo e a desequilibrou.

Ela cambaleou, apoiando-se na própria espada para não cair de costas.

Hassan a observou, sua espada apontada para o peito dela, com um sorriso vitorioso nos lábios. Ela deu impulso e ele bloqueou o golpe com sua espada.

— Muito bem — disse Khepri, suas espadas cruzadas entre eles.  
— Você não é ruim nisso.

E, então, enquanto Hassan registrava o sorriso no rosto dela, Khepri deu um chute, arrancando a espada da sua mão e o empurrando para o chão.

Hassan caiu com um gemido, seu quadril preso entre os joelhos dela.

A expressão radiante de triunfo iluminava o rosto de Khepri.

— Mas eu ainda sou melhor.

Ele queria dar uma resposta inteligente, mas Khepri estava ofegante, e o efeito daquilo... o distraiu. Seu rosto começou a esquentar, mas, antes que ficasse realmente constrangido, a garota saiu de cima dele. Hassan não conseguiu decidir se estava aliviado ou decepcionado.

Ela ofereceu a mão e facilmente o puxou para ficar de pé. A força da Graça.

— Você disse que não usaria a sua Graça — Hassan comentou.

— A luta acabou.

— Então eu quero uma revanche.

Ele estava começando a gostar do som de sua risada.

— Acha que vai lutar melhor no segundo round?

— Você não condenaria um homem por ter esperança, certo?

— A esperança nunca deve ser condenada — ela retrucou, e havia algo inesperadamente suave em sua voz, precioso, como um lírio florescendo na beira do rio. — Que tal um jantar?

Hassan não esperava aquilo. Ele pensou em como queria passar mais tempo ali — com os refugiados, é claro, mas com Khepri, também.

— Seria ótimo.

Ela sorriu e Hassan percebeu que eles ainda estavam de mãos dadas. Khepri também pareceu notar, mas, em vez de soltar, ela virou sua mão e passou os dedos pela palma. Hassan sentiu a pele pinicar e o rosto esquentar de novo.

— Bem macia, na minha opinião — ela murmurou, olhando para cima com um sorriso. — Você precisa criar alguns calos se quiser me derrotar da próxima vez.

Ela soltou sua mão e se ocupou com as espadas de treino, enquanto Hassan a olhava. Ele balançou a cabeça e, enquanto o sol mergulhava no mar, eles saíram juntos.

O cheiro de fumaça preenchia o ar enquanto seguiam até o outro lado da ágora, onde as fogueiras estavam começando a brilhar. Conforme se aproximavam da barraca que Khepri compartilhava, Hassan viu rostos conhecidos: Azizi, sua mãe e a irmãzinha. Eles, assim como a idosa com quem Hassan conversara no dia anterior, deram as boas-vindas a ele e logo lhe ofereceram a tarefa de descascar e tirar a semente das abóboras.

— Você tem sorte — comentou a mãe de Azizi, que se apresentara como Halima. — Esta é a segunda vez que temos verduras frescas desde que chegamos aqui.

Hassan franziu as sobrancelhas, lembrando as refeições fartas que tinha na *villa* da tia sem nem parar para pensar duas vezes.

— De onde vem a comida?

— Os acólitos do templo doam boa parte — ela revelou. — O suficiente para nos manter vivos, por enquanto. Alguns garotos foram às montanhas próximas para caçar pequenos animais e pássaros. Agora é verão, mas temo o que acontecerá quando chegar o inverno.

— Ainda faltam alguns meses para isso — respondeu Hassan, surpreso. Ele pensou em quantos outros refugiados acreditavam que levaria meses até voltarem para casa.

O jantar parecia ser comunal — cada fogueira era compartilhada por cinco ou mais famílias que reuniam seus recursos, e as crianças novas demais para ajudar eram vigiadas por um dos adultos. Naquela noite, era a vez de Khepri ajudar com os pequenos. De vez em quando, Hassan desviava o olhar da tarefa e observava as crianças subindo nela — escalando pelas costas e pulando no colo, enquanto Khepri matinha uma paciência admirável.

Conforme escurecia, todos começaram a se reunir em volta da fogueira para comer. Embora Hassan tenha comido muito pouco, deixando a maior parte para os outros, não conseguia se lembrar da última vez que apreciara tanto uma refeição — abóbora assada e lentilhas com pimenta, servida com pão recheado com nozes e figos. Era bem mais simples do que os pratos extravagantes com os quais estava acostumado no palácio real, mas tudo tinha um gosto e cheiro tão caseiros que ele sentiu um aperto no coração.

Ter aquele pedacinho de Herat fez com que ele quisesse tudo de volta — queria sentir o perfume dos lírios azuis e do pão fresco, sentir a lama do rio entre seus dedos, o gosto doce do vinho de romã, ouvir o som dos sinos e tambores clamorosos dos acadêmicos em formação marchando pela estrada Ozmandith.

Durante a refeição, Hassan aprendeu mais sobre como era a vida daquelas famílias desde que fugiram de Nazirah. A ágora já estava superlotada, com duas ou três famílias dividindo abrigos construídos para apenas uma. A única fonte de água que abastecia todos os acampamentos ficava perto do Portão Sagrado, o que significava que grande parte do dia era gasto em enormes filas, e nunca havia água suficiente para lavar e cozinhar, o que provocou uma epidemia de piolhos logo no início. A maioria dos refugiados viera para Pallas Athos com pouco mais do que a roupa do corpo, então até mesmo algo simples como sabão ou tigelas era difícil de encontrar.

Mesmo assim, apesar das dificuldades e do esforço quase nulo que os sacerdotes de Pallas Athos tinham feito para dar as boas-vindas aos refugiados, existia um senso de perseverança e esperança. O desespero pairava como uma tempestade sobre eles, mas, sem dúvida, havia amor e carinho na forma como tratavam uns aos outros.

Depois que terminaram de comer, Hassan e Khepri se sentaram à luz da fogueira. Azizi e as outras crianças heratianas começaram a cantar e a correr em círculos ao redor das chamas brilhantes.

— Eu conheço esse jogo! — exclamou Hassan, grato porque, apesar de tudo pelo qual aquelas crianças passaram, elas ainda conseguiam brincar, implicar e rir como as crianças em sua cidade faziam.

Ao seu lado, Khepri deu uma risada.

— Toda criança heratiana brinca disso.

— Eu não brinquei — Hassan revelou. — Mas eu ficava olhando pela janela da sala de estudos enquanto as outras crianças brincavam nas fontes do pátio.

— Pela janela? — ela perguntou, incrédula. — Você foi trancafiado em uma torre quando era criança?

Hassan riu, um pouco constrangido.

— Mais ou menos.

— Tudo bem, então — declarou Khepri, levantando-se abruptamente.

Hassan piscou quando ela estendeu uma das mãos para ele.

— Levanta. Nós vamos brincar.

Ele riu, e Khepri o puxou para deixá-lo de pé. Fazendo uma concha com a mão em volta da boca, ela gritou:

— Dona íbis e dona garça, estou para chegar!

— Crocodilo, crocodilo, em paz queremos ficar! — as crianças responderam.

Khepri sorriu para Hassan e os dois correram em direção às crianças, que gritaram, riram e se espalharam pelo acampamento. Khepri pegou uma menininha e a levantou no ar, e a criança deu gritinhos de prazer. Quando Khepri a colocou no chão, a garotinha gritou:

— Dona íbis e dona garça, estou para chegar!

Hassan se deixou levar pelo jogo infantil, pela liberdade de correr, pela emoção de ser pego. De alguma forma, dez minutos depois, todas as crianças estavam correndo atrás dele. Elas o pegaram, o derrubaram no chão e começaram a subir nele.

— Eu me rendo, eu me rendo! — Hassan exclamou, lágrimas de riso escorrendo de seus olhos enquanto Azizi dava a volta da vitória em torno dele.

— Deixem ele se levantar, crocodilos — disse Khepri, abrindo espaço entre as crianças para ajudar Hassan a ficar de pé. Ela não conseguiu esconder o riso da voz quando perguntou: — Tudo bem?

— Tudo bem.

— Aqui, tem um... — Khepri tirou um galho do cabelo de Hassan. — Prontinho.

Hassan sentiu seu rosto arder novamente.

— Você não me avisou que esse jogo é mais difícil que um treinamento com os Legionários.

Khepri riu, cruzando seu braço com o dele e o afastando das crianças. Um coro de *aaaaaaah* os seguiu enquanto caminhavam em direção a um afloramento coberto de grama.

— Vocês vão se *beijar*? — perguntou uma garotinha.

— *Eca!* — Azizi exclamou.

Hassan deu uma risada, o grito das crianças ficando para trás enquanto ele e Khepri subiam o afloramento. O lugar tinha vista para a ágora de um lado e para toda a cidade de Pallas Athos do outro.

— Juro que essas crianças são piores que meus irmãos — resmungou Khepri, sentando-se na grama.

— Seus irmãos implicam muito com você? — Hassan perguntou, acomodando-se ao lado dela.

— Sem parar. — Ela soltou o ar, então Hassan pôde ver: aquela pequena mudança na expressão que lhe disse que seus pensamentos estavam em Nazirah.

Com um movimento impulsivo, pegou a mão dela.

— Eles ainda estão em Nazirah, não estão?

Os olhos dela se anuviaram de tristeza.

— Toda minha família está lá.

Ele queria saber tudo que estava escondido por trás daquele olhar.

— Como você escapou?

Ela olhou para a mão dele, mas não a afastou.

— Meus irmãos estavam alistados nos Legionários também, assim como eu. Nós encontramos um navio mercante de Endarrion, que concordou em nos levar clandestinamente. Mas, na noite em que devíamos partir, as Testemunhas estavam no porto. Elas revistaram o navio enquanto nos escondíamos lá dentro. Sabíamos

que iam nos encontrar, então meus irmãos se entregaram. Eles conseguiram evitar que as Testemunhas me achassem. Meus irmãos se sacrificaram para que eu ficasse livre. — Ela olhou para Hassan com o mesmo lampejo de força que ele vira quando se conheceram. — Eu acordo todos os dias com isso na cabeça.

Hassan pensou na própria família, na mãe e no pai que ainda estavam presos, à mercê de pessoas que achavam que eles eram uma aberração da natureza. Ele conhecia o fardo de estar em segurança enquanto seus entes queridos não estavam. Sabia como o medo e a raiva sufocavam durante todas as horas do dia. Sabia que, mesmo durante o sono, a mente nunca se cansava de se torturar com todas as coisas terríveis que podiam estar acontecendo, e todas as coisas que deviam ter sido feitas de forma diferente para evitar o acontecido.

Ele queria que houvesse uma forma de contar tudo isso a ela sem revelar sua identidade. Aquela era uma tristeza que ambos carregavam, e ele sentia um peso de culpa no peito por esconder isso de Khepri.

— Sinto muito — ele disse, odiando aquelas palavras inadequadas. Olhou por cima do ombro de Khepri, para o acampamento e para as crianças que ainda corriam por lá, rindo e fugindo das tentativas dos pais de levá-los para a cama.

— Foi por isso que eu vim para cá — disse Khepri depois de um tempo. — Eles estão aceitando refugiados em Cárites também, mas eu vim para cá. Onde o príncipe Hassan está.

Hassan ficou sem palavras por alguns momentos.

— Como... Como você sabe disso?

— A tia dele era a esposa do último Arconte Soberano — respondeu Khepri. — E se o príncipe Hassan sobreviveu ao golpe, como todos dizem, é para cá que ele deve ter vindo, onde tem família e aliados. Eu tenho certeza.

O coração de Hassan estava batendo tão forte que ele tinha certeza de que Khepri poderia ouvir. Mas ela não pareceu notar. Seus olhos brilharam ao encarar a cidade abaixo deles. Da fortaleza das Sentinelas e da Academia até o mar de telhados que cobria a ladeira da parte mais baixa. Até a cúpula da estação de trem, na Cidade Baixa, além dos portões da cidade.

— Sinto que aqui é o lugar certo para mim — ela declarou. — Afinal de contas, esta é a Cidade da Fé. Foi isso que me trouxe até aqui. Fé. Quando o Hierofante e as Testemunhas tomaram Nazirah, eu quis acabar com eles, e não me importava o que eu teria que sacrificar para isso. Permite que meu ódio assumisse o controle.

Hassan sabia exatamente do que ela estava falando. Sentira o impulso quente do ódio no dia anterior, fora do templo, quando enfrentara as Testemunhas. E mesmo assim, na parte mais sombria de seu coração, aquele sentimento sempre surgia quando pensava no Hierofante e em seus seguidores.

— Mas quando ouvi que o príncipe Hassan sobreviveu ao golpe, minha raiva de repente ganhou um novo objetivo. Não consigo explicar, mas... Eu sabia que precisava vir para cá. Eu vim para a Cidade da Fé para encontrar o príncipe e ajudá-lo a recuperar nosso país.

— Você acha que ele é capaz de fazer isso? — perguntou Hassan.

Ele se sentia como um escaravelho indefeso, preso pelo olhar dela, dominado pelo desejo de revelar quem era. Se existia alguém capaz de entender como ele se sentia, a saudade que sentia do país que fora violentamente arrancado dele, esse alguém era Khepri. Aquela garota corajosa que estava procurando por ele desde sua terra natal.

Ela assentiu.

— Eu sei que sim. O capitão do meu regimento dos Legionários Heratianos o conheceu. Ele disse que o príncipe herdou a melhor

parte de seus pais. A força e a coragem da rainha, e a sabedoria e a compaixão do rei.

Hassan fechou os olhos. O príncipe que ela descreveu parecia uma pessoa completamente diferente. O que ela pensaria quando descobrisse que o príncipe que ela acreditava ser capaz de salvar o seu povo estava escondido na *villa* da tia, sem planos nem esperanças de libertar seu país?

— E se ele não estiver aqui? — ele perguntou, engolindo em seco. — E se você veio para cá em vão?

O brilho no olhar dela foi fugaz, como um relâmpago iluminando o céu ou um vagalume piscando no leito do rio de Herat.

— Não foi em vão.

Hassan sentiu a mão calejada cobrir a sua e ela se inclinou para ele, que ofegou e fechou os olhos.

— Cirion — ela murmurou suavemente.

Hassan fechou os olhos com força e, se odiando, afastou-se dela. Por mais que quisesse aproveitar aquele momento sem pensar nas preocupações, não podia. Não se fosse uma mentira. Mas não podia contar a verdade. Não agora. A pessoa que ela tinha ido procurar, o sábio e corajoso príncipe de Herat que lideraria o povo para a liberdade — aquele não era Hassan. Ele era apenas mais um refugiado perdido, com medo e esperando desesperadamente que alguém pudesse guiar seu caminho.

# 6

## ANTON

Anton acordou se afogando. Seu peito explodindo, estrelas brilhando sob as pálpebras, um grito soando em sua mente...

Ele abriu os olhos.

Uma corrente de ar. Não era água, mas ar. O ar parado de seu pequeno apartamento, inundando seus pulmões, enquanto Anton se virava no lençol molhado. Ele levou os dedos trêmulos ao pescoço, pressionando-o e contando os batimentos do coração.

Fazia anos desde a última vez que sonhara com o lago. Nos primeiros meses depois que fugiu de casa, o pesadelo o visitava todas as noites. O céu cinzento, a neve, a sombra escura atrás dele enquanto seus pés se arrastavam sobre o lago congelado. O gelo estalando sob seu peso, mãos cruéis o forçando para o fundo enquanto ele se debatia na água congelante.

Agora, enquanto se levantava da cama estreita, Anton se sentiu tão pequeno e vulnerável quanto se sentira naquela água gelada e cortante. Estava agitado, desarmado, sentindo como se a qualquer momento o mundo pudesse ser arrancado sob seus pés, sugando-o novamente para o fundo e para a escuridão.

O vento cálido entrava pela pequena janela, levantando as beiradas da cortina. O luar iluminava seu quarto, lançando sombras ondulantes na parede.

Então Anton percebeu duas coisas. Não tinha deixado a janela aberta antes de dormir.

E havia alguém no quarto com ele.

Ele sentiu o *esha* primeiro, como o farfalhar de asas de mariposas. Não era familiar — não era o *esha* da pessoa que temia, o homem que o procurava. Ele respirou fundo enquanto seus olhos pousavam na sombra do estranho iluminado pela pálida luz do luar.

— Não estou aqui para machucá-lo.

Era a voz de uma garota — baixa e rouca. Conforme Anton a encarava no escuro, viu a máscara de seda que cobria a parte inferior de seu rosto, deixando à mostra apenas os olhos brilhantes que o observavam do outro lado do quarto.

Ele pensou nas opções que tinha. A garota estava ao lado da janela, perto dos pés da cama e em frente à porta. As chances de ele chegar até lá antes dela eram bem pequenas.

Teria que acreditar no que ela estava dizendo.

— O que você quer? — ele perguntou.

Ela inclinou a cabeça.

— Você não sabe quem eu sou?

— Deveria saber?

— O sacerdote que morreu no Jardim de Tálassa também não sabia.

Anton prendeu a respiração. De todas as visitas horríveis que já tinha imaginado receber no meio da noite, a Mão Pálida não era uma delas.

Ele se obrigou a perguntar:

— Você veio aqui para me matar?

Um brilho de diversão surgiu no olhar dela.

— Seria uma morte merecida?

Anton lentamente fez que não com a cabeça.

— Então você não tem nada a temer.

Ele pensou no sonho de novo, no aviso sobre quem o estava procurando, e se perguntou se as palavras da Mão Pálida seriam verdadeiras.

— Se você não está aqui para me matar, então o que está fazendo no meu quarto?

— Estou procurando a sra. Tappan — ela respondeu. — E eu acho que talvez você possa me ajudar a encontrá-la.

Anton ficou surpreso. Não era difícil de acreditar que a sra. Tappan pudesse estar envolvida com uma assassina famosa — mas, normalmente, era *ela* que procurava pelas pessoas.

— Eu não sei de quem você está falando — ele mentiu, virando-se na cama para colocar os pés no chão.

— Esta carta que ela deixou para você no Jardim de Tálassa diz outra coisa. — Na penumbra, Anton a viu segurar um envelope. Ele podia imaginar que tivesse o selo da rosa dos ventos da Agência de Cristalomania da sra. Tappan. Ela devia ter deixado lá depois que ele fugiu.

— Como você conseguiu isso?

A Mão Pálida se aproximou da cama, ainda segurando a carta.

— É você, não é? Anton?

Ele estendeu a mão para pegá-la, mas a garota afastou a carta.

— Diga onde ela está e você fica com a carta.

— Eu não sei onde ela está.

— Mas você falou com ela na noite passada.

Só havia se passado uma noite? O dia anterior fora como um borrão de pesadelos e lembranças, tão entrelaçados na mente de Anton que ele mal conseguia separar uma coisa da outra.

— Como você sabe disso?

Ele não conseguia ver a boca por trás da máscara, mas teve a sensação de que talvez ela estivesse sorrindo.

— Conheci alguns amigos seus em Tálassa. Disseram que uma mulher jantou com você na noite passada e que tiveram uma conversa que parecia muito interessante. E que você desapareceu logo depois.

Anton amaldiçoou Cosima por sua curiosidade insaciável e sua total incapacidade de manter a boca calada.

— Então? — insistiu a Mão Pálida. — Sobre o que vocês conversaram?

Anton encolheu os ombros.

— Ela só queria ver como eu estava. Se estava tudo bem.

— Você não mente muito bem.

— Eu não sou um mentiroso.

— Então o que você é? A sra. Tappan não se envolve diretamente no trabalho. Ela nem mostra o rosto para a maioria das pessoas. Por que ela mostra para você?

Em vez de responder, ele disse:

— Esse não é o verdadeiro nome dela, sabia?

Os nomes tinham uma ressonância particular com o *esha* de seu dono. Era assim que os cristalomantes encontravam seus alvos. Para Anton, a sensação era mais aguda. Ele não conseguia exatamente dizer o nome da pessoa só de sentir seu *esha*, mas sabia quando um nome não combinava. O nome da sra. Tappan nunca combinou com seu *esha* distinto e tilintante como um sino.

— Então qual é o nome dela?

— Eu não sei — respondeu Anton. — Mas não é esse.

— E como você sabe disso? — Toda a postura dela mudou, e seus olhos se arregalaram. — É você, não é? O cristalomante que ela mencionou. É você. Ela disse que você poderia me ajudar. Que nenhum outro cristalomante consegue fazer o que você faz.

Em um estalo, tudo começou a fazer sentido. O trabalho que a Mulher Sem Nome tentara lhe oferecer na noite anterior — era um trabalho para a Mão Pálida.

— Bem, ela mentiu — disse Anton de forma direta. — Eu não sou ninguém. Não posso te ajudar, então é melhor você ir embora

antes que eu diga para as Sentinelas exatamente onde podem te encontrar.

Ela não se mexeu.

— Estou falando sério — reforçou ele, passando por ela e indo até a porta. — Você tem dois minutos para sair.

Mesmo sentindo uma pontada de curiosidade — o que a Mão Pálida poderia querer com *ele*? —, não cederia. Os pesadelos já tinham voltado, e sabia que, se usasse sua Graça, eles se tornariam insuportáveis. Não era um caminho que estivesse disposto a seguir, não importavam as ameaças ou promessas que a Mão Pálida fizesse.

Mas o que ela disse em seguida não foi uma ameaça nem uma promessa. Foi uma pergunta.

— Quem é Illya Aliyev?

O choque o deixou congelado. Ele não ouvia aquele nome em voz alta havia mais de cinco anos.

— Onde você ouviu esse nome?

A Mão Pálida estendeu o envelope para ele de novo. Dessa vez, quando Anton tentou pegar, ela permitiu.

O selo já tinha sido aberto, como ele imaginara. Anton pegou a carta e seus olhos se fixaram na primeira linha.

*Illya Aliyev. Última transação conhecida: navio fretado de passageiros. Destino: Pallas Athos.*

Havia uns dez ou doze parágrafos abaixo da informação, e Anton apenas passou os olhos por eles rapidamente. Um dossiê completo do homem que estava procurando por ele, investigado, redigido e entregue. O homem sobre o qual a Mulher Sem Nome o alertara no Jardim de Tálassa. O homem que assombrava os sonhos de Anton.

Ele deveria agradecer à Mulher Sem Nome por ter se dado ao trabalho de reunir todas as informações para ele. Deveria agradecer por ela tê-lo procurado primeiro, em vez de entregar Anton e receber seu pagamento. Mas ele não se sentia grato, não quando parecia estar sufocando no próprio medo.

*Ele simplesmente vai contratar outra pessoa.*

O que significava que ele já tinha feito isso. Ele estava *ali*, em Pallas Athos. Provavelmente sabia o local exato onde Anton estava. Podia até estar a caminho naquele instante.

— Se você é um cristalomante tão poderoso como ela diz — começou a Mão Pálida —, por que precisa da ajuda de um caçador de recompensas para encontrá-lo para você?

— Eu não preciso — respondeu Anton, enfiando a carta de volta no envelope e cruzando o quarto com três passos largos. — E não sou nada poderoso.

Ajoelhando-se diante das caixas de vinho que serviam de cômoda, Anton começou a pegar suas roupas. Ele sabia que devia ter deixado Pallas Athos assim que a Mulher Sem Nome lhe informou que Illya estava procurando por ele. Agora iria embora. Iria para um lugar bem longe. Talvez do outro lado de Pélagos, para um porto ao leste de Tel Amot. Para os desertos que se estendiam muito além dele.

— O que você está fazendo? — perguntou a Mão Pálida enquanto Anton atirava as roupas em uma mochila.

— Indo embora.

— É madrugada.

— Então preciso me apressar, não é? — respondeu Anton. — Os navios partem ao alvorecer.

— Está com tanta pressa assim para encontrar essa pessoa?

O som de passos ecoou na rua embaixo da janela de Anton. A Mão Pálida se encolheu nas sombras enquanto Anton caminhava

até a janela, mantendo-se oculto pelas cortinas.

Mais passos.

— Você está esperando alguém? — ela perguntou. Anton percebeu o pânico em seus olhos.

Ele puxou um pedaço da cortina para espiar. Havia uns seis homens reunidos na entrada do beco que levava ao seu prédio, iluminado pela luz da lua.

— Quem é? — perguntou a Mão Pálida com um tom urgente.

Anton pressionou as costas contra a parede, a respiração ofegante.

— Mercenários, eu acho.

Eles deviam estar trabalhando para Illya. A sra. Tappan mencionara que tinham lhe oferecido uma quantidade tentadora de dinheiro para encontrá-lo. Se Illya tinha acesso àquela quantidade de dinheiro — e Anton não duvidava que ele dera um jeito —, então ele também tinha o suficiente para contratar alguém para fazer seu trabalho sujo.

A Mão Pálida praguejou baixinho.

— Por que o Conclave simplesmente não mandou as Sentinelas atrás de mim?

— Eu não acho que eles estão aqui por sua causa — ele respondeu devagar.

— Então... Você? Por quê?

Anton engoliu em seco.

— Aquele homem — ele explicou. — Da carta. Illya.

— O homem que você está procurando?

Ele negou com a cabeça.

— Eu não estou procurando por ele. Ele está procurando por mim.

E parecia que o tinha encontrado.

Os olhos da Mão Pálida se fixaram nos de Anton, e ele soube que ela estava planejando algo, assim como soube que ela tinha visto seu desespero.

— Venha comigo — disse ela, de repente.

— O quê?

— Eu conheço um lugar. É seguro. Ninguém vai te encontrar.

Anton hesitou.

— Você tem algum plano melhor?

Ele não tinha. Não era como se Anton tivesse muitos amigos íntimos que o receberiam de olhos fechados caso ele aparecesse no meio da noite pedindo ajuda. E se aqueles mercenários o encontraram ali, certamente o rastrearão até o Jardim de Tálassa. Podiam até já estar vigiando o lugar.

— Vamos lá, garoto. Essa oferta expira no instante em que aqueles homens entrarem aqui.

— Você está trabalhando com ele? — perguntou Anton.

— Trabalhando com...? Está falando desse tal de Illya que está atrás de você? Não. Eu já disse, vim te procurar porque a sra. Tappan disse que você podia me ajudar.

Ela não parecia estar mentindo, mas bons mentirosos raramente demonstravam a falsidade.

— Na minha visão, você só tem duas escolhas: fique aqui esperando para ver o que esses mercenários querem ou venha comigo.

— E fazer o quê?

— Por que a gente não discute isso quando não tiver um bando de homens armados atrás de nós?

Anton considerou suas opções. Confiar na Mão Pálida era uma aposta. Mas as apostas de Anton quase sempre se pagavam.

— Tudo bem. Vamos.

Eles saíram para o corredor.

— Tem outra saída — disse Anton. Ele a levou até o porão do prédio, um espaço apertado, cheio de ratos e teias de aranha. Eles se espremeram pela adega e saíram pelos fundos de um beco.

A Mão Pálida andou bem rente ao prédio. Anton fez o mesmo. Com os ombros colados, eles se agacharam com as costas grudadas na parede, esperando o último homem entrar no prédio.

Anton se acalmou e começou a contar. A Mão Pálida praguejou baixinho.

— O que foi? — Anton perguntou.

— Eles deixaram alguns guardas do lado de fora. Dois homens. Tudo bem. Hora de correr.

O coração de Anton disparou.

— Eles vão nos ver.

A Mão Pálida abaixou a cabeça, procurando alguma coisa no chão.

— Perfeito.

Ela pegou uma pedra do tamanho de seu punho. Medindo seu peso em uma das mãos, ela moveu o braço para trás e a lançou para o outro lado do beco. Estava escuro demais para ver onde caiu, mas o som resultante foi alto o bastante para fazer os guardas se mexerem.

A Mão Pálida não perdeu tempo. Assim que eles viraram as costas, ela agarrou o braço de Anton e começou a correr.

— Ali! — gritou uma voz atrás deles.

Anton queria se virar para ver se o guarda os tinha visto, mas a Mão Pálida o puxou com mais força.

O som de passos rápidos lhe deu a resposta. Os guardas estavam atrás deles.

No fim da rua, a Mão Pálida virou bruscamente à esquerda, e Anton a seguiu enquanto ela costurava pelas ruas estreitas.

— Aqui! — exclamou ela. Anton se virou rapidamente e quase caiu por cima da garota.

Ela abriu a janela de uma loja que tinha na fachada uma placa com o desenho de uma engrenagem. Os passos ficaram mais altos atrás deles. Não tinha escolha. Com a ajuda da Mão Pálida, Anton se içou para a janela. Ele começou a tatear no interior escuro e descobriu que havia uma mesa embaixo da janela que parecia coberta com diversos cabos, engrenagens e vidro. Ele fez uma careta ao ouvir o barulho que fizeram ao pular para dentro.

Quando estavam seguros no interior da loja, fecharam a janela e colaram as costas na parede, escondendo-se. Ficaram ali, no escuro, ofegantes e esperando o som de passos desaparecer.

— Cuidado! — avisou a Mão Pálida quando Anton esticou as pernas, esbarrando em uma mesa.

Ela pegou um globo de vidro no ar e congelou. Os passos apressados dos guardas trovejaram na frente da loja e foram desaparecendo ao longe.

Anton suspirou de alívio.

Ao seu lado, ouviu o som leve de uma batida e então uma luz suave iluminou a loja. Ela piscou e ficou mais forte, e, quando ele se virou, viu que o pequeno globo que a Mão Pálida segurava era, na verdade, uma lâmpada incandescente.

— E agora?

Ela olhou para ele, seu rosto sombreado pela luz do globo.

— Agora você vem comigo.

# 7

## BERU

Na alcova secreta abaixo da cripta de Pisístrato, Beru passou a noite como tantas outras — com uma xícara quente de chá de hortelã e uma esperança fervorosa de que sua irmã voltaria com vida.

Ephyra saíra na calada da noite muitas vezes antes, encarando assassinos, traficantes de escravos e os homens mais depravados das Seis Cidades Proféticas. Mesmo assim, Beru se sentia mais nervosa agora do que em qualquer uma das outras noites. Era bobagem — sabia disso. Não havia nada a temer quando a coisa mais perigosa vagando pelas ruas era você mesmo.

Mas, naquela noite, o medo de Beru era diferente. Porque, naquela noite, a Mão Pálida não havia saído em busca de uma vítima. Ela havia saído em busca de ajuda. Se fosse bem-sucedida, então aquela seria a última vez que Beru teria que esperar e se preocupar.

Um ano depois que a Mão Pálida começara a matar, Beru escolhera a vítima errada. No geral, Ephyra cuidava da seleção de vítimas, mas daquela vez a tarefa ficara a cargo da irmã. O homem que escolhera tinha o hábito de visitar casas clandestinas e deixar suas conquistas literalmente em pedaços. Ninguém parecia se importar, porque as casas clandestinas que ele frequentava ficavam nas áreas mais pobres de Tarsépolis. Mas Beru se importara. Assim como Ephyra.

Então ela saíra, como em tantas noites anteriores, e a Mão Pálida o matara.

Na manhã seguinte, uma carta apareceu por baixo da porta da adega onde as irmãs estavam se escondendo.

*Havia uma recompensa pelo homem que você matou ontem à noite. A recompensa deveria ser minha. Da próxima vez, pergunte.*

Não havia assinatura, apenas um selo simples de cera com marcas douradas. Uma rosa dos ventos. Quando Ephyra e Beru pesquisaram, descobriram que o símbolo era da Agência de Cristalomania da sra. Tappan — uma empresa de caçadores de recompensas bastante conhecida em alguns meios.

Beru ficara aterrorizada no início. A mensagem soava como uma ameaça, e ficou claro que aquela tal de sra. Tappan tinha conseguido encontrá-las apesar de ninguém nunca ter visto o rosto da Mão Pálida ou saber seu nome. Beru quis deixar a cidade imediatamente, mas Ephyra preferiu protelar.

— Da próxima vez, *pergunte*? — ela repetiu. — Não é uma ameaça muito inspiradora.

No dia seguinte, descobriram que a carta não era uma ameaça. Era uma oferta. Outra carta apareceu, com um nome e um crime: tráfico de escravos em Endarrion. Uma investigação rápida mostrou que o criminoso em questão também tinha um prêmio por sua cabeça.

Três semanas depois, receberam outro nome.

A misteriosa sra. Tappan parecia estar satisfeita em passar alguns dos seus alvos para a Mão Pálida, sem fazer perguntas. Todos pareciam ser criminosos do pior tipo — assassinos, traficantes de escravos e estupradores.

Ephyra e Beru não conseguiam entender *por que* a caçadora de recompensas as estava ajudando. Na maioria dos casos, a morte do criminoso significava que a recompensa não podia ser coletada. Mesmo assim, os nomes continuavam chegando e, para o alívio de Beru, ninguém as estava perseguindo.

Então, seis semanas atrás, outra carta apareceu por baixo da porta de seu esconderijo em Tarsépolis.

*Sei por que estão fazendo isso. E conheço uma cura. Um artefato poderoso conhecido como Cálice de Eleazar.*

*Não posso encontrá-lo para você, mas conheço alguém que pode. Um cristalomante com a Graça da Visão, mais poderoso do que qualquer um que já vi. Mais poderoso do que eu. Vá para Pallas Athos e espere a minha próxima mensagem.*

Tudo que Beru sabia sobre Pallas Athos eram histórias do que a cidade fora em outros tempos — a Cidade da Fé, o centro das Seis Cidades Proféticas. Quando chegaram, ela ficou chocada com o que encontraram. A Cidade Baixa era repleta de apostadores e ladrões, e a Cidade Alta era o lugar onde sacerdotes atacavam crianças e deixavam a cidade apodrecer. A Cidade da Fé acabou sendo o lugar perfeito para a Mão Pálida.

Elas se hospedaram em um mausoléu semidestruído e abandonado de um sacerdote sem importância, e esperaram uma nova mensagem da sra. Tappan.

E esperaram.

E esperaram.

Então, finalmente, naquele dia receberam a resposta. Um mensageiro apareceu no santuário, trazendo um envelope com o selo da rosa dos ventos.

É isso, pensara Beru. A carta que determinaria o destino delas. O cristalomante sobre o qual a sra. Tappan lhes contara, a pessoa pela qual tinham vindo de tão longe para Pallas Athos, finalmente respondera.

A resposta era não.

— Talvez não *exista* nenhum cristalomante — disse Beru.

— Por que a sra. Tappan mentiria para nós? — perguntou Ephyra.

— Por que ela começou a nos ajudar, para começo de conversa? Ela é uma caçadora de recompensas.

— O cristalomante existe — insistiu Ephyra. — Ele, ou ela, está *aqui*. E eu vou encontrar.

— Como?

Ephyra olhara para o mensageiro da sra. Tappan, então de partida, com um brilho de determinação nos olhos.

— Fácil. O mensageiro vai me levar até a sra. Tappan, e ela vai me levar até o cristalomante misterioso.

— Ephyra...

A expressão da irmã se suavizou, e ela colocou uma mecha do cabelo de Beru atrás da orelha.

— Isso é importante, Beru. É uma questão de vida ou morte.

Beru olhou nos olhos dela e viu a mais pura esperança brilhando neles.

— Já chegamos tão longe — disse Ephyra.

— Eu sei — respondeu Beru. E era isso que a assustava.

Elas tinham ido longe demais — tinham roubado e matado por muito tempo em nome da sobrevivência. Tinham ido longe demais — catorze vidas tiradas pela Mão Pálida. Tinham ido longe demais. E quão mais longe ainda teriam que ir?

Era essa pergunta que a atormentava agora, cinco horas depois, sentada à mesinha improvisada da cozinha, com conchas, pedras e

cacos de cerâmica espalhados ao seu redor. Era isso que Beru sempre fazia quando não conseguia dormir — bijuterias com quinquilharias e qualquer coisa que conseguisse encontrar. Era algo que ela e Ephyra costumavam fazer quando crianças, vendendo colares e pulseiras para comerciantes que passavam pela aldeia delas. Agora, aquela arte era a única fonte de dinheiro que tinham que não envolvia roubar.

O som abafado de passos quebrou o silêncio do amanhecer. Beru ficou paralisada, ouvindo atentamente. A entrada da alcova da cripta era totalmente oculta — só era possível de encontrar se a pessoa já soubesse que existia.

Ela acompanhou o som dos passos enquanto passavam pelo santuário principal e começavam a descer pela escada oculta. Tinha que ser Ephyra. Mas ela claramente trouxera companhia.

Beru ouviu uma batida na porta.

— Sou eu — chamou a voz de Ephyra.

— Prove.

O som do suspiro pesado da irmã passou pela porta.

— Uma vez, quando tinha oito anos, você encontrou uma caixa de tâmaras que nossa mãe ia usar para fazer vinho. Você comeu metade da caixa e, nos três dias seguintes, toda vez que você ia ao banheiro...

Beru destrancou a porta apressadamente e fulminou a irmã com o olhar.

— Satisfeita? — perguntou Ephyra.

— Odeio você — respondeu Beru enquanto a irmã passava rapidamente por ela, entrando no aposento.

Deixando Beru frente a frente com um estranho na porta.

— Então — começou o garoto, olhando pela alcova. — Quer dizer que a Mão Pálida mora literalmente em uma cripta? Um pouco óbvio, não acham?

A única explicação que conseguiu pensar para a presença dele ali era que Ephyra realmente tinha encontrado o tal cristalomante, como disse que faria. O que significava que o cristalomante era um garoto totalmente desprezioso, não muito mais velho que ela. A pele branca e o cabelo claro mostravam que era um estrangeiro em Pallas Athos — provavelmente de algum lugar do norte, talvez do Território Novogardiano. Seus olhos eram escuros e sérios.

Enquanto analisava o garoto, Beru percebeu que ele estava fazendo o mesmo. Seu olhar pousou no braço dela, que ainda estava sobre a tranca da porta. Beru o tinha envolvido com um tecido para que a marca escura da mão permanecesse oculta, mas o próprio recurso acabava chamando atenção.

Ela rapidamente escondeu o braço atrás do corpo e deu um passo para o lado, deixando-o entrar.

— Você aceita chá?

— Você tem vinho? — perguntou ele, esperançoso.

— Sinto muito — respondeu Beru, voltando para o canto da cozinha e servindo o chá de hortelã ainda quente em três xícaras lascadas de barro. Ela abafou uma risada. A situação toda era tão absurda. Havia mais de cinco anos que Ephyra e Beru não recebiam um convidado. Quando ainda moravam na aldeia de Medea, um ponto comercial próximo a Tel Amot, a hospitalidade era uma regra tão inquebrável quanto a lei. A mãe delas jamais aceitaria receber alguém em casa sem servir alguma coisa.

O garoto se sentou em uma almofada perto da mesa frágil de madeira, e Beru colocou a xícara diante dele.

Ele mal a encarou. Seus olhos estavam fixos em Ephyra e, apesar de estar aparentemente relaxado, Beru conseguiu detectar sua cautela. Ephyra também o observava, apoiada na parede, os braços cruzados. Ela se sentou bem no meio daquela competição de quem se encarava por mais tempo.

— Então — ela começou, assoprando seu chá. — Você é o cristalomante?

Foi só quando ouviu a pergunta que o garoto olhou para ela.

— Sou só o Anton.

— Anton — repetiu Beru. Ela olhou para Ephyra. Era perigoso dar qualquer tipo de informação para ele, dizer quem eram. Onde moravam. Mas elas tinham ido a Pallas Athos apenas para encontrá-lo, e não tinham outra escolha. — Meu nome é Beru. Irmã da Ephyra.

— A Mão Pálida tem uma irmã — comentou ele.

— Você tem irmãos, Anton?

— Só um — respondeu ele, bem baixinho.

Beru estreitou os olhos.

— Tudo bem — cortou Ephyra, impaciente. — Chega de papo furado. Você sabe por que te trouxe até aqui.

Anton olhou para ela por cima da borda da xícara.

— Você disse que precisa da minha ajuda. Por quê?

Beru olhou para Ephyra. Se ela estava disposta a confiar naquele garoto — confiar o suficiente para contar aquilo, pelo menos —, então seguiria seu exemplo.

— Você sabe quem eu sou — disse Ephyra. — O que eu tenho feito.

— Acho que é seguro dizer que todo mundo sabe o que você tem feito.

— Sim. Mas ninguém sabe o porquê.

As pessoas cochichavam, aterrorizadas, sobre os corpos encontrados com a marca da Mão Pálida. Cada uma tinha as próprias ideias sobre o que aqueles corpos significavam. Um castigo para os pecadores. Uma perversão da Graça. Nenhuma delas sabia a verdade.

— Eu tiro a vida deles — declarou Ephyra, devagar — para salvar a dela.

Ela olhou para Beru e uma comunicação silenciosa se passou entre as duas: podiam contar o suficiente para aquele garoto, mas não mais do que isso. Não toda a verdade. Era perigoso demais.

— Eu estou doente — revelou Beru. — Há muito tempo. Ephyra usa o *esha* das vítimas para me curar. É a única forma de me manter viva.

— Por que você não vai a um curandeiro?

— Eles não podem ajudar — respondeu Ephyra de forma direta.

Havia outros motivos — o risco de revelar quem ela era, a verdadeira natureza da doença de Beru — tudo aquilo as impedia de procurar a ajuda de qualquer pessoa, exceto das mais inescrupulosas.

— Os curandeiros fazem um juramento. Se soubessem o que eu fiz para manter Beru viva... mesmo que pudessem ajudar, não ajudariam — continuou Ephyra.

— E eu posso?

— Estamos em busca de algo que pode me ajudar — disse Beru. — Um artefato poderoso que dizem expandir o poder da Graça do Sangue. Com isso, talvez Ephyra consiga me curar para sempre, para que eu não adoça de novo.

— Chama-se Cálice de Eleazar — contou Ephyra, observando-o atentamente. — Você já ouviu falar disso?

Ele negou com a cabeça.

— Mas já ouviu falar sobre as Guerras Necromantes — declarou Ephyra.

Não foi uma pergunta. Todo mundo já tinha ouvido falar sobre as Guerras Necromantes — a guerra mais destruidora da história. Muito antes do desaparecimento dos Profetas, o Rei Necromante

formara um exército de ressurgidos — mortos trazidos de volta dos túmulos — para tentar assumir o reino de Herat.

— O Rei Necromante tinha a Graça do Sangue — continuou Ephyra. — A mais poderosa em séculos. Talvez a mais poderosa desde o surgimento das Graças. Mas o poder não era todo dele. Parte daquilo era tirado do Cálice de Eleazar.

Anton a encarou, atônito.

— Então, basicamente — começou ele, devagar —, você me trouxe para a sua cripta para pedir minha ajuda para localizar um artefato antigo que já foi usado para criar um exército de mortos? Eu entendi direito?

Ephyra nem piscou.

— Bem, você consegue?

— Não.

— Você está mentindo.

— Não estou — retrucou Anton, parecendo repentinamente vulnerável. — Eu não... eu não estou mentindo.

— A sra. Tappan disse que você é o único que conseguiria fazer uma coisa assim — continuou Ephyra. — Que você tem a Graça da Visão mais poderosa que ela já viu. *Ela* estava mentindo?

Anton soltou o ar.

— Não, não estava.

— Ela disse que talvez você relutasse.

— Relutasse — repetiu Anton secamente. — Certo.

— Não é assim que você descreveria? — perguntou Beru.

— Não exatamente.

— Você sabe que eu assumi um grande risco ao trazê-lo até aqui — disse Ephyra. — Eu não precisava ter feito isso. Podia ter largado você com aqueles mercenários.

Beru se virou para olhá-la.

— Que mercenários?